

RELATÓRIO QUALITATIVO DA ANBIMA | 2025

Aposta online no Brasil: um estudo sobre perfis de uso, jornadas e padrões de comportamento

Versão completa



Índice

1	Introdução	4
2	Principais achados	7
3	Sobre o projeto	11
4	Desk research	16
5	Benchmark de plataformas	19
6	Monitoramento de redes sociais	22
7	Entrevistas com stakeholders	25
8	Primeira etapa de grupos focais	27
9	Workshop com pesquisadores de campo	33
10	Introdução à etapa de campo	37

Índice

11	Aposta como prática econômica e estratégia de sobrevivência	43
12	Gênero e apostas: normas, estratégias e silenciamentos	48
13	Tipologia dos jogadores segundo o comportamento financeiro	54
14	Cultura digital, plataformas e o design da compulsão	63
15	Entre rotinas digitais e afetos calculados	69
16	Apostas e classe média alta	76
17	Ex-jogadores	80
18	Encaminhamentos	84
19	Segunda etapa de grupos focais	86
20	Jornada dos apostadores	94

1

Introdução

Esta é uma pesquisa inédita da Anbima, que tem o objetivo de compreender o comportamento de apostadores e apostadoras no Brasil.

Há algum tempo acompanhamos o universo das bets. Durante a pesquisa "Como Você Investe Seu Dindim", em que rodamos o país inteiro no "Busão da Anbima" entre 2022 e 2023, identificamos que as apostas online já faziam parte do cotidiano financeiro de muitas pessoas e que, muitas vezes, eram confundidas com investimentos. As últimas três edições do Raio X do Investidor Brasileiro confirmaram a tendência. Em 2025, por exemplo, 17% das pessoas com mais de 16 anos de fizeram algum tipo de aposta online, o que representa 28 milhões de pessoas. E quase 3 milhões consideram a prática uma forma de investir.

Assim, o estudo busca compreender como as pessoas que apostam interpretam e se relacionam com as plataformas de bets, explorando tanto as motivações quanto os comportamentos financeiros e emocionais associados à prática. A proposta é identificar os gatilhos, sentimentos e fatores que levam ao engajamento com as apostas online, considerando aspectos como classe social, gênero, vínculos sociais, faixa etária e relação com o dinheiro.

Com caráter exploratório e qualitativo, a pesquisa oferece uma leitura mais sensível e situada sobre o fenômeno das bets, em

contraste com abordagens que focam nos impactos econômicos das casas de apostas.

Por meio de entrevistas em profundidade com 60 pessoas apostadoras e ex-apostadoras (com maior representatividade de pessoas apostadoras) de várias regiões do país, foi possível identificar perfis diversos de jogadores e jogadoras, além de mapear suas jornadas, dilemas e formas de lidar com o risco. As conversas revelaram como fatores subjetivos — como esperança, ansiedade, pertencimento ou desejo de controle — influenciam a prática de apostar.

Por isso, optamos por preservar, na íntegra, a linguagem acadêmica da pesquisa. Ela é essencial para manter a profundidade e a fidelidade dos achados, refletindo a complexidade do tema. Ainda assim, os caminhos apontados por este trabalho oferecem subsídios concretos para orientar ações futuras.

A Anbima pretende, a partir desses achados e das próximas etapas da pesquisa, apoiar a formulação de estratégias, ações de educação financeira e iniciativas institucionais que ajudem a compreender e responder aos desafios que o cenário das apostas no país impõe.

Convidamos a Rede ANBIMA de Educação e a sociedade a se engajarem nesse debate, contribuindo para a construção de soluções mais eficazes, empáticas e conectadas à realidade brasileira.

Sobre a pesquisa

60

Entrevistas em profundidade

5

Regiões do país

+720

Páginas de transcrição

+90

Horas de entrevistas

4

Grupos de discussão

Nosso método

1

Desk research

Mapeamento de pesquisas, notícias e legislação, sobre o cenário de bets no Brasil.

2

Benchmarking de contexto

Análise comparativa de plataformas de apostas online.

3

Monitoramento de redes

Mapeamento de redes sociais (Twitter "X", TikTok, YouTube e Facebook).

4

Entrevistas com stakeholders

Panorama dos atores do mercado.

5

1º Grupo focal

1º grupo (exploratório) – 10 pessoas – Mapeamento inicial de comportamentos.

6

Pesquisa de campo

Pesquisa em profundidade realizada com 60 apostadores de diferentes perfis em 5 praças: Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste, Norte e Sul.

7

2º Grupo focal

2º grupo (validação) – 10 pessoas – Aprofundamento de hipóteses e validação de jornada de uso.

8

Análises e convergências

Análise aprofundada para identificação de padrões, comportamentos e a produção de direcionadores estratégicos a partir do olhar antropológico para ações de caráter educativo.

9

Workshops

Dinâmica cocriativa entre equipe Kyvo e ANBIMA a partir da apresentação de material e discussão de soluções educativas.

10

Jornada do usuário e fluxo de baixa fidelidade

Análise da jornada de uso do apostador e identificação de pontos de atenção para ações educativas dentro do ambiente virtual.

2

Principais achados

A pesquisa qualitativa realizada pela ANBIMA, em parceria com a Kyvo, trouxe aprendizados importantes sobre como as pessoas apostam no Brasil. A seguir, reunimos os principais achados da pesquisa, organizados por temas, com explicações e os perfis de apostadores identificados.



Motivações e personas de quem aposta

▶ Adepto da Fortuna

- Aposta como forma de esperança diante da escassez
- Enxerga o jogo como sorte, não como estratégia
- Presente em contextos de alta vulnerabilidade social

▶ Matador de Leões

- Aposta como resposta urgente a dificuldades financeiras
- Vive no "presente perpétuo", sem possibilidade de planejamento
- Oscila entre controle e descontrole, dependendo da renda do dia

▶ Expert da Realidade

- Aposta com método, disciplina e usa linguagem técnica
- Vê o jogo como uma forma de complementar a renda
- Consome conteúdos de influenciadores e aposta com metas

▶ Caçador de Emoções

- Aposta por diversão, para tornar o cotidiano mais excitante
- Enxerga o jogo como lazer, com valores controlados
- Presente em perfis com maior estabilidade financeira



Aposta como prática situada

▶ Apostar não é, necessariamente, um ato sem reflexão

- Muitos jogadores sabem que o risco é alto, mas avaliam que "não fazer nada" é pior
- A aposta aparece como uma forma de agir diante da incerteza econômica

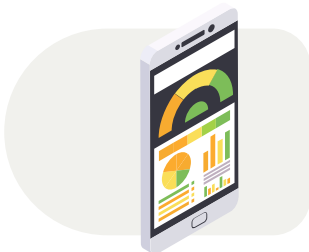
▶ A motivação para apostar mistura lazer, necessidade e desejo de controle

- Mesmo quem diz jogar "só por diversão" pode estar tentando resolver uma urgência financeira



Gênero e silenciamentos

- ▶ **Pessoas do gênero masculino tendem a racionalizar a aposta como estratégia ou hobby técnico**
- ▶ **Pessoas do gênero feminino, especialmente das classes C, D e E, relatam experiências mais emocionais e silenciosas**
 - Muitas não se reconhecem como jogadoras, mesmo apostando com frequência
 - A aposta é vista como uma forma de escape, mas também como fardo moral



Cultura digital e influência das plataformas

- ▶ **As plataformas de apostas operam com design gamificado e estímulos constantes**
 - Visuais chamativos, recompensas rápidas e ausência de limites claros
 - Recursos visuais incentivam a permanência no jogo e dificultam a percepção de risco
- ▶ **Influenciadores digitais têm papel central na entrada e manutenção dos jogadores**
 - São vistos como fontes de confiança, especialmente entre jovens e classes populares
 - A linguagem usada mistura humor, ostentação e promessas de ganho fácil



Aposta como estratégia financeira (e emocional)

- ▶ **Para muitos, a aposta é uma forma de "fazer o dinheiro render" em um contexto de escassez**
- ▶ **A linguagem do investimento ("multiplicar", "estratégia", "retorno") aparece em todos os perfis, mas com sentidos diferentes**
 - Para uns, é justificativa moral; para outros, é tentativa real de ascensão



Jornada do apostador

▶ **A pesquisa mapeou jornadas típicas que envolvem:**

- Entrada (influência social, curiosidade, necessidade)
- Intensificação (uso frequente, envolvimento emocional)
- Tentativas de controle ou abandono (com recaídas ou redefinições do que é "apostar")



Outros achados relevantes

- ▶ **Apostas e informalidade:** entre classes populares, o jogo se mistura com redes de crédito informais e estratégias de sobrevivência
- ▶ **Diferenças regionais:** o significado da aposta varia conforme o território e o contexto cultural
- ▶ **Ex-jogadores:** muitos continuam acessando plataformas, mas redefinem sua relação com o jogo como forma de manter o controle simbólico

3

Sobre o projeto

Este relatório integra uma pesquisa qualitativa que investiga as apostas online no Brasil sob uma perspectiva socioantropológica, com foco em recortes de gênero, classe, território e práticas financeiras. A investigação está ancorada em uma abordagem metodológica que combina escuta em profundidade, análise cultural e olhar voltado ao design de serviços e à formulação de estratégias institucionais. O objetivo não é apenas entender o comportamento dos apostadores, mas produzir sentido a partir de suas trajetórias, motivações e dilemas, e, com os resultados, apoiar decisões públicas e privadas mais conectadas à realidade brasileira, tais como políticas de regulação, campanhas de conscientização, investimentos em responsabilidade social, mecanismos de controle por parte de quem aposta.

Objetivos da pesquisa

- 1** **Identificar e caracterizar os perfis socioeconômicos e comportamentais** dos indivíduos que participam de apostas online (bets e cassinos), mapeando motivações, rotinas e compreensão sobre as implicações financeiras da prática.
- 2** **Investigar as aproximações e distanciamentos entre apostas e investimentos**, especialmente para indivíduos que percebem o jogo como uma possível fonte de retorno ou segurança financeira.
- 3** **Compreender como o brasileiro se relaciona com dinheiro, risco, lazer e informalidade econômica**, revelando sentidos atribuídos às apostas que não aparecem em registros formais ou estatísticos.

A coleta, análise e organização dos dados visam construir **uma ponte entre a experiência vivida dos apostadores e as possibilidades de atuação institucional**. Os objetivos de pesquisa fornecem as lentes para compreender o fenômeno em sua complexidade; o objetivo do projeto define o uso desses achados. A partir desse alinhamento, os dados se transformam em conhecimento aplicável, que pode orientar campanhas, estratégias regulatórias e ações educativas mais eficazes, empáticas e culturalmente sintonizadas.

Metodologia

A investigação foi estruturada com base na articulação entre diferentes métodos e camadas de escuta, integrando análise cultural, observação empírica e processos de síntese estratégica. O objetivo foi compreender o fenômeno das apostas online em sua complexidade simbólica, econômica e social, combinando amplitude interpretativa com profundidade analítica.

Princípios da abordagem

A metodologia adotada combina o olhar interpretativo da antropologia com a lógica estruturante do design estratégico — prática central na atuação da Kyvo. Essa combinação sustenta uma postura investigativa comprometida tanto com a escuta cuidadosa quanto com a capacidade de traduzir aprendizados em insights acionáveis.



Antropologia como escuta e implicação

Permitiu captar o sentido das práticas cotidianas, reconhecer as narrativas pessoais como fontes legítimas de conhecimento e valorizar os contextos sociais como direcionadores da experiência.



Design como síntese e direção

Orientou a organização dos achados em estruturas compreensíveis, sistematizou padrões emergentes e contribuiu para transformar a escuta em direcionamento estratégico e institucional.

Essa integração metodológica deu origem a um processo iterativo e cumulativo, no qual escuta, interpretação e síntese operam em ciclos contínuos de aprofundamento e refinamento.

Camadas da pesquisa: contexto e campo

A investigação foi organizada em **duas camadas complementares** que se retroalimentam ao longo de todo o processo:



Pesquisa de contexto

Voltada a mapear o ecossistema das apostas online no Brasil, esta etapa buscou compreender os discursos públicos, os marcos regulatórios, as plataformas, os modelos de negócio e o cenário midiático e digital em torno do tema. Essa base interpretativa sustentou o desenho da escuta de campo.



Pesquisa de campo

Conduzida a partir da escuta direta de apostadores e atores financeiros, trouxe densidade às análises. Por meio de entrevistas e grupos focais, emergiram dilemas, contradições, subjetividades e estratégias cotidianas que tensionam e ampliam as hipóteses traçadas na etapa anterior.

Essas camadas operaram de forma **dialógica e circular**: os achados de uma reorientaram a outra, promovendo aprofundamento e reformulação contínua das perguntas de pesquisa.

Trajetória metodológica: do amplo ao específico

A escuta seguiu um processo progressivo de **afunilamento metodológico**. Partimos de uma abordagem exploratória, aberta ao inesperado, e avançamos gradualmente na identificação de temas-chave, zonas de tensão e padrões recorrentes. **O afunilamento aqui não reduz a complexidade — ele organiza.**

Cada nova rodada de escuta tensionou, refinou ou confirmou hipóteses anteriores, em um movimento de ida e volta entre dados e interpretações, entre o macro e o micro, entre estrutura e experiência.

Etapas realizadas

1

Pesquisa de contexto

MÉTODO/FERRAMENTA

Desk research

Levantamento de pesquisas, relatórios, marcos legais e publicações sobre o cenário das apostas online no Brasil.

Benchmarking de plataformas

Análise comparativa de modelos de negócio, interfaces e experiências das principais plataformas de apostas.

Monitoramento de redes sociais

Mapeamento de conteúdos e padrões de discurso sobre apostas nas redes X (Twitter), TikTok, YouTube e Facebook.

2

Pesquisa de campo

MÉTODO/ATIVIDADE

Entrevistas com stakeholders

Escuta com atores-chave do ecossistema para mapear percepções, interesses e estratégias em torno do tema.

1ª Etapa de grupos focais

Dinâmicas exploratórias com apostadores de diferentes perfis para mapear práticas, sentidos e formas de engajamento.

Entrevistas em Profundidade (EPs)

60 entrevistas presenciais em seis capitais brasileiras, com perfis diversos por gênero, classe, geração e frequência de jogo.

2ª Etapa de grupos focais

Validação de hipóteses e jornadas a partir de aprendizados das entrevistas, aprofundando temas sensíveis.

3

Análise e síntese

MÉTODO

Análise interpretativa

Interpretação cruzada dos dados a partir de categorias socioculturais e construção de padrões interpretativos.

Workshops de cocriação com o mercado

Sessões para socialização dos aprendizados, refinamento de hipóteses e definição de direcionadores estratégicos.

4

Desk research

Aprendizados produzidos e contribuições para o campo

A desk research **revelou lacunas significativas nas abordagens tradicionais sobre o tema**. Apontou a predominância de estudos quantitativos com limitações importantes para capturar nuances comportamentais, contextos relacionais e atravessamentos de classe, gênero e território. Esses achados nos levaram a ajustar o foco do campo qualitativo, refinando hipóteses, ampliando a escuta e incluindo novas perguntas.

1

A aposta online tensiona a fronteira entre lazer, risco e investimento

As apostas online operam em uma zona ambígua entre entretenimento e aplicação de recursos financeiros. Embora sejam tratadas legalmente como jogo, na prática, acionam mecanismos de risco, promessa de retorno e imediatismo que se aproximam da lógica de investimento. Em alguns casos, essa exposição pode aumentar a propensão a investir, inclusive em ativos legítimos ou alternativas de alto risco, o que sugere a necessidade de compreender como os apostadores constroem sentido em torno do uso do dinheiro.

2

A estrutura regulatória ainda é incipiente e favorece vulnerabilidade social e financeira

A entrada recente de regras para o setor de apostas online busca organizar um mercado em rápida expansão, marcado, por um período, pela atuação de operadores sem autorização. Esse contexto anterior de menor regulação ampliou a exposição dos usuários a riscos financeiros e a práticas pouco transparentes, cujos efeitos ainda se refletem no cenário atual.

3

As pesquisas quantitativas não capturam as nuances sociais e relacionais do comportamento do apostador

A maioria dos estudos identificados sobre apostas online no Brasil utiliza métodos quantitativos, importantes para entender o tamanho do fenômeno e traçar perfis gerais. No entanto, esses métodos não conseguem captar certas nuances, como motivações pessoais, vínculos sociais e influências de classe e gênero.

É nesse ponto que a pesquisa qualitativa se torna essencial, ajudando a explorar sentidos mais profundos e contextos de vida que não aparecem em números.

Insights de valor e contribuição para etapas seguintes

Essa etapa foi decisiva para construir uma escuta mais situada e atenta às ambiguidades do comportamento apostador. Ao nomear contradições, como a relação entre aposta e investimento, ou lazer e compulsão, a desk research preparou o terreno para que as conversas qualitativas se tornassem mais densas e conectadas à realidade vivida. Produziu convergência interpretativa e expandiu o campo problemático da pesquisa.

5

Benchmark de plataformas

Aprendizados produzidos e contribuições para o campo

O benchmarking revelou um **padrão de design fortemente gamificado**, com visuais hiperativos, ações simplificadas (um clique para jogar), e ocultação sutil de limites e perdas na plataforma. As casas operam com incentivos que se articulam emocionalmente à promessa de recuperação, pertencimento a grupos sociais e ideias de controle, especialmente no modo "aviãozinho"¹ e nos primeiros ganhos induzidos. O formato das apostas reforça a fluidez entre os jogos, dificultando a percepção de perda real.

1

Todas as plataformas operam em dois modos: apostas esportivas (bets) e cassinos, com aplicação simplificada entre eles.

As apostas esportivas são apostas em jogos como futebol, basquete e demais torneios que oferecem "odds" (probabilidade de quanto se pode ganhar em uma aposta com base no valor apostado), em que o resultado é determinado pelos acontecimentos do jogo. Já os cassinos são a parte da plataforma que hospeda os "slots" ou jogos de azar, cujo expoente mais conhecido é o famoso "jogo do Tigrinho". Ao depositar o dinheiro na conta do site, ele fica disponível para apostar em todos os modos, assim como os ganhos de um jogo podem ser utilizados para apostar em outros.

2

As plataformas são projetadas para parecer simples, mas operam com lógica complexa de retenção e controle

A experiência de uso é marcada por extrema facilidade de entrada: login, depósito e início das apostas acontecem com fluidez. No entanto, essa simplicidade esconde mecanismos de retenção sofisticados, como a dificuldade para realizar saques, sugestões automáticas de depósitos de valores acima do mínimo exigido pela plataforma e alteração constante dos odds. Isso revela uma lógica de design voltada para permanência e engajamento no jogo, sem preocupações com a transparência.

¹ O chamado "jogo do aviãozinho" é um formato de aposta muito popular em cassinos online, baseado em um gráfico de decolagem de um avião que sobe até um ponto aleatório. O jogador deve "sacar" o valor apostado antes que o avião "caia". Trata-se de um jogo simples, de curta duração e com alto apelo visual e emocional, frequentemente promovido como entretenimento, mas que opera segundo a lógica de reforço intermitente — semelhante à de máquinas caça-níqueis —, o que pode gerar comportamentos compulsivos. Seu formato reforça a ilusão de controle, ao mesmo tempo em que explora impulsos e expectativas de ganho rápido.

3

A arquitetura visual e interativa das casas de aposta reforça padrões emocionais e sensações enganosas de controle

As interfaces são visualmente saturadas, coloridas, com jogos que remetem ao universo infantil e mecânicas fáceis, que exigem apenas um clique para começar a jogar. Ganhos pequenos são celebrados com efeitos visuais e sonoros, mesmo quando representam perda real. Essa combinação reforça a ilusão de controle e alimenta ciclos de aposta contínuos, especialmente em jogos como o "aviãozinho" ou o "tigrinho".

4

A aposta online promove fluidez entre modos e contextos que dificulta a noção de perda e a decisão de parar

Ao permitir que o saldo seja usado livremente entre cassino e apostas esportivas, as plataformas incentivam a migração constante entre jogos e entre os modos aposta e cassino. Essa fluidez dilui a percepção do usuário em encerrar a sessão de jogatina e reforça a ideia de que sempre há uma nova chance. A vontade de "recuperar o que foi perdido" se torna o motor principal das escolhas, e não o raciocínio sobre ganho ou perda real.

Insights de valor e contribuição para etapas seguintes

Essa etapa ajudou a expor os bastidores de uma arquitetura de persuasão que atua sobre o tempo, as emoções e a percepção de risco. As descobertas trouxeram elementos-chave para os roteiros de entrevistas, como a falsa sensação de ganho, a dificuldade de parar e o papel do design na construção da compulsividade. O benchmarking, nesse sentido, não apenas contextualizou o comportamento dos jogadores, mas antecipou as dimensões simbólicas e sensoriais que o campo qualitativo confirmaria com densidade.

6

Monitoramento de redes sociais

5.879

Total de menções em redes sociais

Período de monitoramento

01/08/2024 a 01/05/2025

Dicionário semântico

bets | apostas online | jogos online |
betano | tigrinho | aviãozinho

Redes analisadas



A plataforma Instagram não possui API oficial para monitoramento de dados, por isso não entrou na amostra.

Aprendizados produzidos e contribuições para o campo

Essa etapa ajudou a expor os bastidores de uma arquitetura de persuasão que atua sobre o tempo, as emoções e a percepção de risco. As descobertas trouxeram elementos-chave para os roteiros de entrevistas, como a falsa sensação de ganho, a dificuldade de parar e o papel do design na construção da compulsividade. O benchmarking, nesse sentido, não apenas contextualizou o comportamento dos jogadores, mas antecipou as dimensões simbólicas e sensoriais que o campo qualitativo confirmaria com densidade.

1

Narrativas pessoais de ganhos e perdas têm forte influência na formação de opinião sobre apostas

Há uma indicação de que a maior propaganda das apostas online nas redes sociais é feita pelos próprios jogadores, que narram suas experiências e suas crenças em uma previsibilidade das plataformas. Essa previsibilidade, acredita-se, poderia ser decifrada a partir de habilidades adquiridas com a prática, com o próprio jogar, além de vendida em um mercado de estratégias que retroalimenta o setor.

2

Os problemas das apostas frequentes parecem ser altamente reconhecidos. Há uma percepção geral de impacto social e econômico negativo

No estudo, a categoria "Vício e Consequências", a qual retrata as preocupações dos apostadores com a temática do "vício" e com as consequências da compulsão em apostas esportivas e cassinos, apresenta o maior percentual de sentimento negativo. Isso demonstra um reconhecimento generalizado dos danos potenciais do comportamento compulsivo em apostas. Narrativas sobre perda de controle, endividamento e impactos familiares são recorrentes, indicando um reconhecimento coletivo do potencial destrutivo das apostas.

3

A consciência coletiva sobre os riscos das apostas não se reflete em uma percepção de risco individual a médio e longo prazos

Apesar do reconhecimento dos riscos envolvidos nas apostas, isso parece não ser o bastante para contrabalançar o apelo das promessas de ganhos rápidos, especialmente em um contexto econômico desafiador. Os relatos demonstram uma ausência de consideração sobre os riscos financeiros a longo prazo. Mesmo apostadores que reconhecem estar "no prejuízo" continuam apostando, focando em ganhos de curto prazo. As conversas giram em torno da necessidade de "saber parar" ou de apostadores tidos como "gananciosos", o que indica a crença na possibilidade de um jogo moderado, em contrapartida ao jogo tido como irresponsável ou ao "vício".

Insights de valor e contribuição para etapas seguintes

O monitoramento de redes sociais possibilitou uma aproximação da opinião pública sobre as apostas online, sobre as plataformas de apostas e sobre as experiências de parte do público com os jogos. Confirmou-se que a percepção social sobre os jogos permanecia bastante negativa, o que, no entanto, não parecia afetar a percepção individual de risco dos apostadores. **Esse insight foi fundamental na construção do roteiro de pesquisa, considerando a necessidade de entender as causas do comportamento de risco de pessoas conscientes dos danos potenciais das apostas e as consequências desse comportamento em suas vidas.**

7

Entrevistas com stakeholders

Aprendizados produzidos e contribuições para o campo

As entrevistas revelaram tensões entre liberdade individual e proteção social, entre o entendimento das apostas como risco pessoal e como problema coletivo. Alguns especialistas reconhecem que o apelo das apostas opera fora da lógica prevista pelos modelos financeiros tradicionais, mobilizando desejo, pertencimento e urgência. Há também **a percepção de que, sozinha, a educação financeira é insuficiente para lidar com o problema**, pois não alcança as camadas subjetivas e simbólicas que motivam o ato de apostar.

1

O mercado financeiro enxerga a aposta como fenômeno inevitável, mas ainda não sabe como responder a ele

O crescimento acelerado do setor de apostas tem gerado desconforto entre instituições que ainda buscam compreender seu papel diante do fenômeno. Há uma percepção de que o jogo é uma realidade consolidada, mas os caminhos para lidar com ele — seja por meio da regulação, da comunicação institucional ou da educação — continuam em construção.

2

A fronteira entre jogo e investimento está cada vez mais borrada no imaginário popular

Especialistas alertam para o uso de vocabulário financeiro pelas casas de apostas, o que contribui para confundir conceitos como "retorno", "ganho garantido" ou "estratégia". Esse fenômeno é especialmente preocupante entre públicos que possuem baixa familiaridade com o sistema financeiro e passam a interpretar o ato de apostar como uma forma legítima de gestão patrimonial.

3

A educação financeira é necessária, mas não basta para lidar com o fenômeno das apostas

Embora a educação financeira seja reconhecida como uma frente essencial, há um consenso de que ela, isoladamente, não dá conta das camadas emocionais, simbólicas e relacionais que impulsionam as apostas. O fenômeno exige abordagens mais integradas, que combinem estratégias culturais, comunicacionais e políticas públicas.

8

Primeira etapa de grupos focais

Escuta exploratória com apostadores de diferentes faixas de renda

Objetivo

Realizar uma primeira aproximação do fenômeno das apostas online a partir da perspectiva de dez pessoas jogadoras, mapeando comportamentos, motivações, estratégias e experiências associadas ao ato de apostar em plataformas de bets e cassinos online.

Recorte e critério de segmentação

A partir das definições feitas em workshop com a Anbima, optou-se por adotar a renda como principal variável de recorte nesta etapa. A hipótese era de que o poder aquisitivo influenciaria diretamente aspectos como:

- ▶ **As motivações para apostar**
- ▶ **O tipo de plataforma e jogo preferido**
- ▶ **A frequência e os valores apostados**
- ▶ **A relação com finanças pessoais e organização orçamentária**

Nos demais critérios (gênero, idade e frequência de jogo), buscou-se diversidade deliberada, garantindo uma escuta mais ampla em um grupo ainda exploratório.

Composição dos grupos

GRUPO 1

Pessoas com renda acima de três salários mínimos

- ▶ **Gênero:** maioria masculina
- ▶ **Faixa etária:** 26 a 54 anos
- ▶ **Jogos praticados:** apostas esportivas e cassinos físicos

GRUPO 2

Pessoas com renda de até três salários mínimos

- ▶ **Gênero:** maioria feminina, para garantir paridade na amostra total
- ▶ **Faixa etária:** 21 a 46 anos
- ▶ **Jogos praticados:** jogos de azar (como "tigrinho" e "aviãozinho") e apostas esportivas

Principais temas explorados

Durante os encontros, as discussões foram guiadas por quatro grandes blocos temáticos:



Fontes e destinos do dinheiro: renda, consumo, gastos mensais, organização financeira e relação com investimentos



Experiências com apostas: motivação, tipo de jogo, frequência, valores apostados, estratégias de jogo e trajetória pessoal



Plataformas utilizadas: canais de acesso, problemas técnicos, confiabilidade e percepção de segurança



Emoções envolvidas: reações a perdas e ganhos, impacto emocional, sinais de descontrole ou compulsão

Aprendizados por grupo

GRUPO 1

Renda acima de três salários mínimos



Organização financeira

Demonstra mais familiaridade com investimentos formais e usa o dinheiro de apostas como parte do orçamento de lazer. As perdas, em geral, não comprometem despesas essenciais. Um caso destoante revelou endividamento com empréstimos, seguido de investimento do que "sobrou".



Tipo de jogo e estratégia

Preferência por apostas esportivas e cassinos físicos. Estratégias baseadas em conhecimento estatístico, análise pré-jogo e apostas múltiplas.

**Motivação e vício**

O ato de apostar é visto como lazer, com aparência de autocontrole. No entanto, emergem histórias de perdas relevantes e tentativas de recuperação. A disciplina financeira aparece como antídoto ao descontrole.

**Emoções**

Sentimentos de alegria e ansiedade convivem com frustração e culpa. Estratégias de contenção emocional incluem o afastamento voluntário após perdas elevadas.

**Plataformas e influência**

Utilizam plataformas consolidadas, guiados por confiança institucional. Influência social (amigos, familiares) têm papel relevante no início das apostas.

**Ex-jogador**

Parar de apostar está ligado a perdas que ultrapassam o limite do lazer, mas ainda em um controle orçamentário. A decisão é interpretada como sinal de maturidade e disciplina.

GRUPO 2

Renda de até três salários mínimos

**Organização financeira**

Relato de desorganização orçamentária e dificuldade de poupar. As apostas são feitas com dinheiro destinado a contas básicas como aluguel e alimentação. Situações de desespero foram mencionadas após perdas pequenas em valor absoluto, mas significativas para o contexto de vida.

**Tipo de jogo e estratégia**

Forte presença de jogos de cassino. Estratégias baseadas em intuição, fé ou dicas de terceiros. Alguns participantes relatam rotinas para "horários de sorte" e ganhos com indicação de novos jogadores.



Motivação e vício

Embora alguns relatem jogar por diversão, a expectativa de ganhar dinheiro rápido está muito presente. Casos mais severos de compulsão ou negação do problema foram registrados, incluindo uso de dinheiro de contas essenciais e justificativas religiosas para seguir jogando.



Emoções

Emoções intensas, como choro, desespero e alívio imediato com vitórias. Frases como "Deus me deu, Deus tomou" revelam a espiritualização da perda e da sorte.



Plataformas e influência

Plataformas sem autorização para operar no Brasil foram citadas com frequência, bem como a prática de propaganda abusiva e oferta de "comissões" por indicação de novos usuários.



Ex-jogador

A decisão de parar, quando ocorre, é abrupta e motivada por perdas que impactam a sobrevivência financeira. Alguns participantes relataram paradas seguidas de recaídas. A negação do problema é um ponto sensível em parte dos relatos.

O que aprendemos: principais insights



Influência da renda no tipo de jogo e percepção de risco

Pessoas de maior renda tendem a apostar em modalidades que exigem análise e conhecimento técnico, e encaram as apostas como entretenimento em um orçamento delimitado. Já as de menor renda costumam buscar retornos rápidos em jogos de sorte, com maior risco e impacto emocional.

2

Impacto emocional e lógica financeira

Enquanto perdas no grupo de renda mais alta geram frustração, mas não comprometem finanças essenciais, no grupo de baixa renda a perda pode significar fome ou inadimplência. A lógica da aposta muda conforme a urgência financeira.

3

Percepção e decisão de parar

Entre quem tem mais renda, a interrupção tende a ser planejada, como parte de uma gestão disciplinada. Entre quem tem menos renda, a interrupção ocorre como reação extrema a prejuízos traumáticos. A religiosidade surge como elemento central em algumas narrativas, tanto para justificar a continuidade quanto para sustentar a decisão de parar.

Contribuições para a etapa seguinte

Essa etapa permitiu:

- ▶ **A validação de que a renda é uma variável significativa no comportamento de aposta, influenciando tipo de jogo, estratégia e impacto emocional**
- ▶ **A formulação de hipóteses qualitativas que orientaram a construção do roteiro de entrevistas em profundidade**
- ▶ **A inclusão de aspectos simbólicos e subjetivos (como religiosidade, vergonha, ou redes de influência) como dimensões analíticas relevantes para o aprofundamento posterior**

Essa escuta inicial funcionou como campo de tensão e abertura, permitindo que a etapa de entrevistas aprofundadas pudesse ser mais direcionada, sensível e diversa.

9

Workshop com pesquisadores de campo

Análise colaborativa do material qualitativo e preparação para segunda rodada de grupos focais

Objetivo

A atividade teve como foco principal aprofundar coletivamente a análise qualitativa da pesquisa sobre apostas online (bets e cassinos virtuais), a partir da escuta e troca direta com as pesquisadoras que estiveram em campo. O encontro teve três objetivos complementares:

- ▶ Identificar padrões, tensões e divergências nos dados coletados em diferentes regiões do país
- ▶ Refinar hipóteses e interpretações coletivas a partir da experiência empírica das entrevistadoras
- ▶ Produzir insumos interpretativos que fundamentassem a construção das jornadas do jogador e estruturassem os grupos focais de validação.

Metodologia

Método utilizado	Como foi conduzido	Objetivo analítico na pesquisa
Rodada de perguntas-chave	Discussão guiada com base em análises preliminares e situações emergentes do campo.	Identificar padrões e divergências sobre motivação, relação com dinheiro, risco, vício e investimento.
Mapa de empatia	Atividade coletiva de construção de perfis-tipo a partir das percepções das pesquisadoras.	Sistematizar emoções, dores, motivações e ganhos percebidos pelas pessoas jogadoras.
Construção de jornadas	Organização das trajetórias de jogadoras e jogadores em dois perfis principais: diversão e ganhar dinheiro.	Mapear gatilhos de entrada, progressão no uso e pontos de mudança na experiência de aposta.
Espaços de debate livre	Discussões espontâneas entre pesquisadoras entre as dinâmicas estruturadas.	Validar hipóteses em tempo real e revelar temas transversais não previstos originalmente.

Aprendizados produzidos a partir do workshop

A realização do workshop com a equipe de pesquisadoras de campo permitiu aprofundar e organizar de forma colaborativa um conjunto robusto de informações qualitativas já coletadas. A escuta das profissionais que estiveram diretamente em contato com as pessoas entrevistadas foi fundamental para conectar dados empíricos a interpretações mais densas sobre o fenômeno das apostas online no Brasil.

A seguir, sintetizamos os principais aprendizados que emergiram dessa etapa:

1

As motivações para jogar são diversas e estruturam trajetórias distintas

Foram identificadas duas motivações predominantes entre jogadoras e jogadores: apostar por diversão (em geral vinculada ao tédio, socialização ou entretenimento) e apostar para ganhar dinheiro (para complementar renda, aliviar dificuldades financeiras ou transformar a realidade pessoal). Essas motivações influenciam diretamente a frequência, o tipo de jogo escolhido e a intensidade do envolvimento.

2

A entrada no universo das apostas é social, mas o envolvimento tende à individualização

A maioria das pessoas não começa a apostar sozinha: a influência de amigos, familiares, parceiros ou influenciadores digitais é recorrente como porta de entrada. No entanto, com o tempo, o ato de apostar se torna mais solitário, recorrente e emocionalmente carregado. Esse movimento sinaliza um processo de normalização das apostas no cotidiano e de intensificação do envolvimento fora do olhar social.

3

A aposta é frequentemente percebida como forma legítima de investimento

Entre pessoas de classes populares ou com baixa familiaridade com produtos financeiros, a aposta aparece como uma estratégia acessível para "fazer o dinheiro render". Mesmo quando não se trata de um investimento formal, há a crença de que a aposta pode ser planejada, controlada e usada como instrumento financeiro. Essa percepção é alimentada por influenciadores, discursos promocionais das plataformas e pela ausência de acesso a alternativas institucionais de investimento.

4

Aspectos emocionais e simbólicos são centrais na adesão e permanência no jogo

Durante o workshop, emergiram com força os elementos subjetivos que atravessam o comportamento de aposta: o desejo de pertencimento, a relação com a sorte e a fé, a busca por reconhecimento, a compensação de frustrações e a expectativa de mudança de vida. Esses elementos ajudam a explicar por que o critério econômico, sozinho, não é suficiente para compreender o fenômeno.

5

A experiência com apostas se transforma ao longo do tempo

Os relatos discutidos indicam que o jogo tende a passar por fases: iniciação, experimentação, envolvimento mais intenso e, em alguns casos, tentativas de controle ou abandono. Essa progressão varia conforme o perfil da pessoa, mas sugere que há uma jornada de engajamento que pode evoluir para práticas compulsivas ou de risco financeiro elevado — especialmente quando associada a expectativas de ganho ou superação de dificuldades pessoais.

Conexão com a etapa seguinte: grupos focais de validação e análise do material de campo

Os aprendizados extraídos do workshop com a equipe de pesquisadoras foram decisivos para orientar a etapa seguinte da pesquisa: os grupos focais de validação. A consolidação de hipóteses interpretativas, o mapeamento de padrões comportamentais e a construção colaborativa de jornadas-tipo forneceram base analítica sólida para a escuta posterior de novos participantes.

Esse processo também possibilitou a qualificação da análise do material de campo já coletado. Ao confrontar diferentes leituras e experiências das pesquisadoras, o workshop ampliou o entendimento sobre os sentidos atribuídos ao ato de apostar e sobre as variações territoriais, sociais e subjetivas dessa prática. A etapa contribuiu, portanto, tanto para organizar os dados já levantados quanto para guiar, de forma mais precisa, as perguntas e provocações levadas aos grupos focais finais.

10

Introdução à etapa de campo

Escuta situada, rigor qualitativo e
adaptações em campo

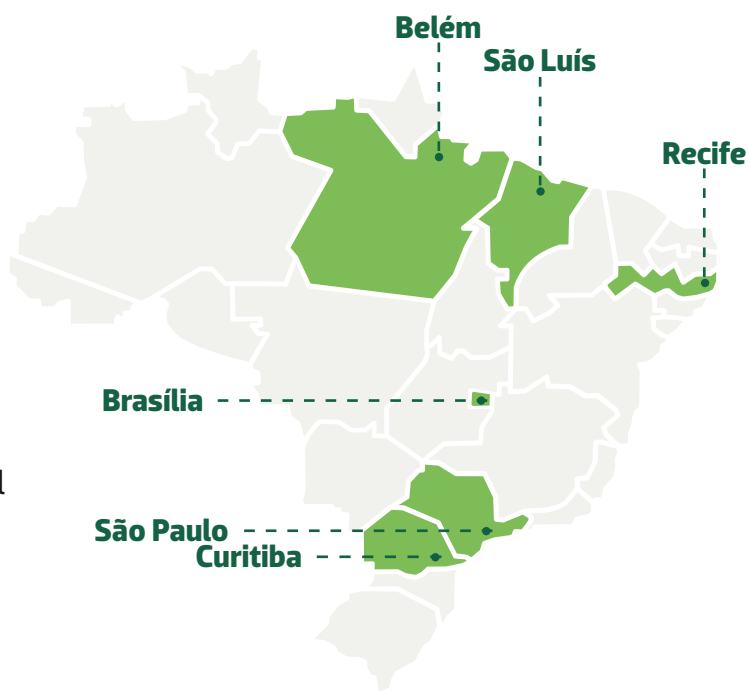
Justificativa territorial e diversidade da escuta

Entre abril e maio de 2025, foram realizadas 60 entrevistas presenciais em seis capitais brasileiras: São Paulo, Curitiba, Brasília, Recife, São Luís e Belém. A escolha das praças foi orientada por um princípio de representatividade socioespacial, para captar a diversidade de experiências em relação à prática das apostas online em diferentes contextos regionais.

São Paulo e Curitiba representaram o Brasil urbano, com alta conectividade digital, forte presença do mercado financeiro e circulação intensa de discursos sobre investimento, tecnologia e controle.

Recife, São Luís e Belém ofereceram um contrapeso essencial ao conectarem as apostas com economias informais, redes de apoio locais, religiosidade e estratégias de sobrevivência. Já Brasília, como capital federal, apresentou um repertório híbrido, com alta mobilidade populacional e a convivência entre servidores públicos e migrantes de diferentes partes do país.

A escolha territorial não foi apenas logística, mas também influenciou a forma como o conhecimento foi produzido sobre o fenômeno das apostas online. Partimos da ideia de que dinheiro, risco e lazer não são categorias universais, mas práticas socialmente situadas. A escuta, portanto, foi construída a partir da convicção de que o território influencia diretamente o modo como as apostas são significadas e vividas.



Composição e critérios da amostra

A amostra foi construída por meio de recrutamento em bola de neve, em que os próprios entrevistados indicam outras pessoas do seu convívio que também apostam, criando uma "corrente" de indicações que permite alcançar grupos normalmente difíceis de acessar. O método permitiu acesso a redes sociais orgânicas, muitas vezes invisíveis aos métodos quantitativos. A seleção dos participantes buscou garantir paridade de gênero e diversidade geracional, socioeconômica e de envolvimento com o jogo.

As variáveis consideradas incluíram idade, classe/renda, frequência de jogo e autodeclaração como jogador ou ex-jogador. Esses critérios foram definidos em cocriação com a equipe da ANBIMA, com base nos aprendizados das fases anteriores da pesquisa, incluindo o grupo focal e a 8ª edição do Raio X do Investidor Brasileiro produzido pela Anbima.

Além de jogadores ativos, foram incluídos ex-jogadores para entender os diferentes modos de afastamento, ruptura ou negociação simbólica com a prática. Também foram coletadas informações sobre perfil de investidor, não como critério de corte, mas como chave complementar para a análise interpretativa.

Sessenta vozes, seis capitais, múltiplos caminhos

A escuta qualitativa cobriu um espectro variado de perfis e trajetórias, refletindo o mosaico de experiências com apostas online no Brasil urbano e periférico.

O que foi proposto versus o que foi realizado

Elemento	Variável	Proposto	Realizado	Obs.
Nº de entrevistas	–	60	60	Todas realizadas presencialmente
Paridade de gênero	Feminino	30	30	Equilíbrio mantido em todas as praças
	Masculino	30	30	
Geração	Boomer*	4	1	*Grupo sub-representado pela recusa em participar da pesquisa e estigma relativo à prática entre este público
	Gen X	10	12	
	Millennial	26	20	
	Gen Z	20	27	
Classe	A/B	20	14	Dificuldade de acesso às classes A/B (resistência e sigilo)
	C	24	25	
	D/E	16	21	
Frequência de jogo*	Ex-jogador	14	14	*Ver definição na página seguinte
	Joga muito	22	25	
	Joga pouco	24	21	

Utilizamos inicialmente uma classificação simplificada da frequência de jogo: "joga muito", "joga pouco" e "ex-jogador". Essa nomenclatura foi útil para organizar o campo, especialmente diante das dificuldades relatadas pelos próprios participantes em quantificar objetivamente seus hábitos de aposta.

Joga muito

Corresponde a quem aposta diariamente, mais de uma vez por semana ou semanalmente.

Joga pouco

Inclui quem aposta mais de uma vez por mês, uma vez por mês ou raramente.

Ex-jogador

Refere-se a quem afirma estar há pelo menos três meses sem apostar.

Apesar de funcional, essa tipologia revelou-se porosa. Muitos ex-jogadores e ex-jogadoras continuavam com contas ativas nas plataformas, faziam apostas pontuais com bônus e promoções, ou mantinham o jogo em momentos muito específicos. Por outro lado, jogadores e jogadoras "pouco frequentes" às vezes revelavam comportamentos intensos em determinadas épocas, o que indicava uma oscilação contextual e emocional.

Essa constatação é central. **A frequência de jogo não é apenas um dado objetivo, mas uma expressão de vínculos afetivos, pressões financeiras e contextos subjetivos.**

Quem joga muito nem sempre age por prazer. Pode ser compulsão, ansiedade, tática de sobrevivência. Quem parou de jogar, muitas vezes, está num processo de negociação simbólica com a própria prática. Essa complexidade é vital para pensar políticas de regulação, educação financeira e mitigação de danos.

O valor da escuta em profundidade

A abordagem socioantropológica da pesquisa permitiu acessar uma camada mais densa da experiência com apostas. A escuta longa e situada revelou não apenas quem joga, mas por quê, com que sentimentos, expectativas e medos. Captamos racionalizações, contradições, códigos morais e modos de tornar o jogo parte da vida cotidiana.

Esse tipo de dado, que não emerge em questionários, oferece à Anbima e aos demais stakeholders um conhecimento estratégico para lidar com um fenômeno em rápida expansão, fortemente emocional e pouco regulado.

Dimensões abordadas nas entrevistas

As conversas exploraram diferentes aspectos da vida financeira e emocional dos participantes. Os principais tópicos investigados foram:

A partir dessa escuta, a análise que se segue busca oferecer não apenas uma leitura interpretativa dos achados, mas também caminhos práticos para atuação institucional, comunicacional e regulatória.



Organização financeira e consumo (fontes de renda, gastos, poupança, dívidas, empréstimos)



Investimento e educação financeira



Experiências com apostas (jornada e influência)



Plataformas de apostas



Motivações e emoções ao apostar



Valores de apostas (perdas e ganhos)



Problemas com jogos e apostas



"Ex-jogador": pessoas que afirmaram terem parado de apostar



Soluções: jogar com "consciência" ou "moderação"

A partir dessa escuta, a análise que se segue busca oferecer não apenas uma leitura interpretativa dos achados, mas também caminhos práticos para atuação institucional, comunicacional e regulatória.

Por que esses dados importam?

Os dados são spoilers analíticos que sustentam os sete blocos de análise que estruturam este relatório. A diversidade de gênero, classe, geração e envolvimento com o jogo revela que **não há um perfil único de apostador, mas uma variedade de experiências marcadas por afetos, moralidades, estratégias financeiras e condições materiais.**

Os dados levantados nas entrevistas em profundidade nos levaram a construir as seguintes linhas analíticas:



Apostas como prática econômica e estratégia de sobrevivência



Gênero e apostas: normas, estratégias e silenciamentos



Cultura digital, plataformas e o design da compulsão



Entre rotinas digitais e afetos calculados: camadas da adesão ao jogo



Aposta e classe média alta: entre controle simbólico e normalização do risco



Ex-jogadores: rupturas parciais, estratégias de contenção e continuidades sutis

Cada número, cada contraste, ajudou a moldar essas camadas. Mas, como um iceberg, o que vimos até agora é apenas a superfície.

11

Aposta como prática econômica e estratégia de sobrevivência

A leitura qualitativa das entrevistas revelou que a aposta online, para muitos participantes, não é uma atividade desvinculada da vida econômica cotidiana. Especialmente entre pessoas das classes D/E, o ato de **apostar se apresenta como uma prática inserida na gestão de orçamentos apertados, marcada por improviso, urgência e esperança**. Mais do que um comportamento motivado pela busca por lazer ou mesmo por uma compulsão, o jogo é muitas vezes mobilizado como uma tática de sobrevivência financeira.

Essa associação simbólica entre aposta e investimento também apareceu no campo, mas com nuances que a pesquisa quantitativa não capta. Não se trata de uma crença fixa, mas de uma racionalização em constante negociação: muitos entrevistados sabem que a chance de perder é alta, mas ainda assim consideram que "vale tentar". Isso reflete na oscilação entre consciência do risco de perder o pouco que já se tem² e necessidade de manter a esperança, característica de contextos em que o horizonte financeiro é incerto e fragmentado.

A presença do jogo nas classes A/B: o que muda?

Embora o cruzamento entre classe social e motivação principal revele uma predominância de apostas como estratégia financeira entre os grupos D/E, os relatos da classe A/B mostram que a frequência alta de apostas também está presente, inclusive com apostas de valor significativo.

No entanto, o registro emocional e discursivo que acompanha essa prática é distinto. **Jogadores da classe A/B tendem a enquadrar a atividade no campo do domínio, da performance e do autocontrole**. A aposta é frequentemente descrita como hobby técnico, lazer com lógica, ou até desafio intelectual, um comportamento que mobiliza linguagem estratégica: "faço gestão de banca", "uso estatística", "sigo um método".

Já entre as **classes D/E, o mesmo comportamento pode estar atravessado por ansiedade, medo, necessidade e sobrecarga emocional**. Expressões como "última esperança do mês", "tentei recuperar o que perdi" ou "era isso ou pedir dinheiro emprestado" são comuns.

² A antropóloga Mary Douglas (1992) explora como diferentes culturas classificam e avaliam riscos de maneiras distintas, afirmando que o risco não é um conceito objetivo e universal, mas sim uma construção sociocultural com profundas implicações sociais, morais e simbólicas. Nesse aspecto, consideramos o conceito a partir das diferentes percepções de risco abordadas pelos entrevistados e articuladas às suas localizações socioeconômicas.

Portanto, o que diferencia não é quanto jogam, mas como narram a própria aposta, o jogo como escolha ou como falta de opção, como emoção leve ou como drama cotidiano. Identificamos que práticas semelhantes podem carregar significados profundamente diferentes dependendo do contexto.

Essa distinção qualitativa é decisiva para compreender por que campanhas genéricas de prevenção ou educação falham: elas não captam os registros afetivos e simbólicos que atravessam a prática em diferentes classes sociais.

Dados de campo: distribuição por motivação e classe

A análise cruzada dos relatos permite identificar dois eixos principais de motivação declarada — "jogo como forma de ganhar dinheiro" e "jogo como diversão" — com forte correlação com classe social percebida:

Classe social	Motivo predominante declarado	Contradições emergentes
D/E	Ganhar dinheiro, complementar renda	Alta percepção de risco, mas segue apostando
C	Misto entre diversão e ganho financeiro	Oscilação entre aposta por lazer e impulso
A/B	Diversão, curiosidade, expertise	Presença de jogadores frequentes, mas sem peso emocional declarado

O que o campo aprofunda — e por que importa

A aposta é vista como prática situada³, não como erro de julgamento: **os participantes sabem que o risco é alto, mas avaliam que "não fazer nada" é pior.**

³ O conceito de "prática situada" propõe que decisões humanas devam ser compreendidas a partir dos contextos sociais, culturais e materiais em que são tomadas. Em vez de partir da ideia de uma lógica universal, a abordagem situada reconhece que o que é considerado "racional" depende das condições locais, das experiências acumuladas e das possibilidades concretas disponíveis aos sujeitos. Assim, práticas que parecem contraditórias ou "irracionais" sob uma ótica externa podem revelar-se coerentes quando analisadas em seu contexto.



A sobreposição entre diversão e necessidade

Mesmo entre quem afirma jogar "só por diversão", surgem momentos em que a aposta vira tentativa de resolver uma urgência financeira.



Noção de investimento mobilizada por jogadores

Palavras como 'multiplicar', 'estratégia', 'retorno' e 'estudar o time' são usadas com frequência, principalmente por homens, para justificar essa prática.



O jogo como substituto emocional do trabalho

Entre desempregados e trabalhadores informais, o jogo oferece uma estrutura simbólica onde ainda é possível "ganhar por mérito", "ser bom", "dominar algo" — mesmo que de forma ilusória.

O que aprendemos a partir disso

As interpretações acima nos conduzem a alguns aprendizados centrais que expandem, tensionam e qualificam as leituras mais recorrentes sobre apostas online no Brasil:

- ▶ **A frequência de aposta, por si só, não explica a motivação nem o impacto subjetivo** da prática. Jogadores de todas as classes podem apostar com regularidade, mas o sentido atribuído à aposta — como risco calculado, estratégia, vício ou desespero — varia fortemente.
- ▶ Entre pessoas das classes D/E, a aposta se insere como parte de um cotidiano instável, emocionalmente carregado, marcado por urgência e desejo de assumir alguma agência sobre sua situação. O jogo não é apenas uma "escolha equivocada", mas uma **tentativa de responder à escassez com alguma forma de controle**.
- ▶ Nas classes A/B, mesmo entre jogadores frequentes, a aposta tende a ser narrada como performance intencional ou passatempo estratégico. **A emoção continua presente, mas é deslocada para o campo do domínio técnico, o que reforça distinções simbólicas de classe**.

- ▶ **A racionalização financeira da aposta, com termos como "investimento", "estratégia" ou "multiplicação", aparece em todas as classes** — mas cumpre funções distintas. Para uns, é uma forma de criar um sentido; para outros, é uma justificativa moralizante.
- ▶ Essas nuances desafiam abordagens genéricas sobre "educação financeira" e evidenciam a necessidade de escutas que levem em conta o contexto afetivo, moral e territorial de quem aposta.

Aposta como resposta financeira visível e acessível

Além de representarem uma tentativa de renda alternativa, as apostas são percebidas por muitos como um dos poucos caminhos "visíveis" para algum retorno financeiro, especialmente entre os que não têm conhecimento ou acesso a produtos bancários, investimentos tradicionais ou crédito formal.

Não raro, jogadores e jogadoras entrevistados afirmam estar negativados ou sem qualquer reserva financeira, o que intensifica o apelo das promessas de ganho rápido. **A aposta, nesse sentido, atua como um atalho simbólico para a circulação do dinheiro — e não apenas como jogo de sorte.**

Essas camadas reforçam a importância de se **pensar o jogo não apenas como comportamento desviante ou lacuna de educação financeira, mas como parte de um sistema mais amplo de construção de valor, autoestima e projeto de vida**, especialmente nas franjas do sistema formal.

Esses achados são fundamentais não apenas para entender quem aposta, mas como e por que o fazem, revelando que o jogo, mais do que comportamento, é também linguagem, uma forma de narrar o lugar do dinheiro, do risco e do futuro na vida de cada um.

12

Gênero e apostas: normas, estratégias e silenciamentos

Se a paridade de gênero nas entrevistas (30 homens e 30 mulheres) garantiu representatividade e pluralidade de experiências, a análise aprofundada mostra que a maneira como homens e mulheres se relacionam com as apostas online é marcada por assimetrias estruturais. **Gênero não é apenas um marcador sociodemográfico: ele organiza percepções sobre risco, moralidade e legitimidade da própria prática de apostar.**

Diversidade regional e composição da amostra

Em todas as seis praças, encontramos mulheres que apostam com frequência. Ainda que a concentração de jogadoras em situação de vulnerabilidade tenha se mostrado mais evidente no Norte e Nordeste, há padrões semelhantes em todas as regiões. Mulheres da classe B nas praças do Sudeste e Centro-Oeste também relataram práticas compulsivas, ainda que com justificativas distintas — **ligadas a tédio, insônia ou frustrações emocionais.**

Em comum, está o silêncio: o jogo é frequentemente omitido, relativizado ou narrado como "fase passageira".

Esse dado tensiona percepções anteriores baseadas em autodeclaração: embora as mulheres estejam presentes nas estatísticas de quem joga pouco, as entrevistas revelam que **muitas jogam com frequência, mas não se reconhecem como jogadoras.** A divergência entre a prática e a maneira como falam do comportamento tem implicações diretas para as políticas públicas e estratégias de comunicação.

Substitutos, escapes e moralidade do cuidado

Entre as mulheres, especialmente das classes C, D/E, o cassino online funciona como uma prática silenciosa e emocional. A plataforma é acessada sozinha, no quarto, na pausa do trabalho, como uma forma de escape frente ao acúmulo de responsabilidades.

Mais do que diversão, o jogo aparece como uma estratégia simbólica de respiro, ou de "fazer o dinheiro render". Em alguns casos, é também uma forma de autocuidado, mesmo quando contraditória.



Esse padrão se aproxima da lógica do cuidado feminino: apostar para aliviar a tensão, para manter o ânimo, para conseguir comprar algo para os filhos. **O jogo não se opõe ao papel de cuidadora — ele o sustenta.** Esse uso moral do dinheiro e do risco converge com o conceito de consumo moral de Daniel Miller e o trabalho emocional de Arlie Hochschild⁴.

Masculinidade, performance e reconhecimento

Entre os homens, a aposta é socializada e nomeada como prática de conhecimento, estratégia ou lazer. Especialmente nas bets esportivas, o engajamento vem acompanhado de discursos sobre controle e experiência. A figura do "apostador que entende do jogo" é valorizada, gerando capital simbólico⁵ — especialmente entre os mais jovens e conectados com influenciadores.

No entanto, essa camada discursiva muitas vezes encobre emoções intensas, como frustração ou ansiedade. Mesmo entre homens das classes A/B, o uso da plataforma pode ser compulsivo, mas é justificado como "atividade técnica", disfarçando o envolvimento emocional. A diferença está menos na frequência e mais no tipo de racionalização.



⁴ O conceito de "trabalho emocional", formulado por Arlie Hochschild, ajuda a compreender como apostadores e apostadoras gerenciam suas emoções — como frustração, euforia ou culpa — durante suas práticas de jogo. Muitas vezes, esse gerenciamento ocorre de forma intencional, seja para manter a aparência de controle, esconder perdas ou sustentar a crença na possibilidade de ganhos futuros, evidenciando uma dimensão afetiva regulada que vai além da lógica econômica.

⁵ "Capital simbólico", formulado por Pierre Bourdieu, refere-se ao reconhecimento social, prestígio ou honra que um indivíduo ou grupo acumula e que é convertível em outras formas de poder (econômico, cultural, político). Trata-se de uma forma de capital imaterial, mas com efeitos muito concretos, operando como valor percebido dentro de campos sociais específicos. Em contextos de consumo ou apostas, por exemplo, o capital simbólico pode se expressar no status atribuído a determinados jogadores, nas performances de sucesso ou na visibilidade nas redes sociais.

Plataformas, gênero e sociabilidade

Há uma divisão marcante entre tipos de plataforma:

Cassinos online (tigrinho, slots, dragão)

Maior presença de jogadoras mulheres na amostra qualitativa, especialmente das classes mais baixas.

Bets esportivas

Predominância masculina, com sociabilidade entre pares (amigos, influenciadores, fóruns).



A escolha da plataforma expressa mais do que preferência: revela modos distintos de acessar o risco, buscar recompensa e sustentar o hábito. **Enquanto as bets são públicas, competitivas e discursivamente legitimadas, os cassinos são privados, repetitivos e emocionalmente carregados.**

Nas entrevistas, **muitas mulheres relataram práticas intensas de aposta sem, no entanto, se nomearem jogadoras.** Esse dado aponta para o que Bourdieu chamaria de "esquemas de percepção socialmente estruturados"⁶: a aposta, para grande parte delas, aparece como prática vergonhosa ou desviada, incompatível com os papéis socialmente atribuídos ao feminino, especialmente os de cuidadora, mãe ou esposa.

⁶ São estruturas cognitivas e culturais incorporadas que orientam como os indivíduos percebem, classificam e interpretam o mundo social. Esses esquemas são resultado da socialização e variam conforme a posição dos sujeitos nos diferentes campos sociais, funcionando como filtros que tornam certas práticas legítimas e outras invisíveis ou desvalorizadas.

Esse processo também se alinha ao conceito de trabalho emocional proposto por Arlie Hochschild: as mulheres não apenas gerenciam seus afetos no ato de apostar, mas também modulam como esses afetos são narrados. Quando falam do jogo, tendem a associá-lo a culpa, exaustão, necessidade, e não a lazer ou estratégia. **A aposta funciona, assim, como válvula de escape, mas também como fardo afetivo, algo que exige constante negociação moral.**

Daniel Miller, ao tratar do consumo como prática moral, destaca que **decisões cotidianas de consumo — como comprar, poupar ou apostar — são formas de expressar valores sociais.** No caso das mulheres entrevistadas, o jogo se insere em regimes morais muito particulares: apostar para conseguir comprar algo para os filhos, para ajudar a família, para dar conta da pressão financeira ou mesmo para não "explodir" diante do acúmulo de tarefas. **A prática do jogo, portanto, não é apenas um desvio: é também um modo de sustentar o cuidado.**

Por outro lado, entre os homens, observou-se com frequência um discurso de controle e experiência. **Mesmo em casos de compulsão ou prejuízo financeiro, os homens tendem a justificar suas apostas como parte de um "projeto racional"**, ancorado na ideia de que "sabem o que estão fazendo". Aqui, há forte convergência com a ideia de performatividade de masculinidade, onde o domínio técnico — sobre o jogo, sobre as finanças, sobre os algoritmos — serve como capital simbólico.

O campo também revelou que plataformas bets são mais associadas à masculinidade e à sociabilidade entre pares, enquanto os cassinos online — especialmente os jogos como tigrinho ou dragão — são espaços onde predominam jogadoras mulheres, em situações de uso mais solitário, repetitivo e emocional. Essa divisão reflete uma segmentação simbólica do mercado de apostas, que reforça estereótipos de gênero e molda práticas distintas.

Considerações interpretativas: o gênero como eixo estruturante das motivações

Quando observamos as motivações declaradas — jogar por diversão ou jogar para ganhar dinheiro —, percebemos que essa dicotomia não se distribui de forma neutra entre os perfis. Entre os homens, especialmente nas classes A/B, jogar por diversão é mais comum e socialmente válido. A aposta se inscreve na lógica do lazer competitivo e do domínio técnico, muitas vezes associada ao futebol, à sociabilidade entre pares e ao prestígio do conhecimento.

Entre as mulheres, mesmo quando há menções à "diversão", a prática vem acompanhada de elementos de escapismo, ansiedade ou urgência econômica. Ou seja, não se trata de "jogar por diversão" no mesmo registro simbólico, há uma diferença qualitativa nas experiências que essa motivação nomeia. Para mulheres das classes C, D/E, o jogo é frequentemente um instrumento ambíguo: de alívio e de risco, de cuidado e de perda, de autocontrole e de vergonha.

Essa diferença revela como o gênero modula o significado atribuído à mesma ação: enquanto para uns o jogo pode ser um hobby, para outras é um espaço de tensão moral. E isso se expressa não apenas nos discursos, mas nos tipos de plataforma escolhidos, na frequência e na visibilidade da prática.

Além disso, a frequência autodeclarada — jogar muito ou pouco — precisa ser lida com atenção. Nosso campo mostrou que a autorreferência à frequência é filtrada por valores morais e representações sociais: **homens tendem a nomear práticas intensas com orgulho técnico; mulheres, a minimizá-las**. Assim, a categoria "joga muito/joga pouco", embora útil como ferramenta analítica, precisa ser interpretada em um contexto mais amplo de performatividade de gênero, classe e territorialidade.

A pluralidade de experiências observadas no campo revela que as apostas não podem ser reduzidas a uma única motivação ou perfil de usuário. Ao contrário, o jogo se inscreve em contextos sociais, financeiros e morais diversos, que conferem diferentes sentidos à mesma prática. Com isso, buscamos compreender como os indivíduos articulam seus modos de vida à lógica das apostas, à gestão do dinheiro e à negociação cotidiana com o risco. Essa complexidade justifica o esforço analítico de propor uma tipologia, capaz de capturar recorrências sem ignorar a fluidez das trajetórias pessoais.

13

Tipologia dos jogadores segundo o comportamento financeiro

A proposta de construir uma tipologia interpretativa a partir do material de campo remete à noção de tipo ideal formulada pelo sociólogo alemão Max Weber. Em vez de categorias empíricas estanques, os tipos ideais são modelos analíticos que acentuam traços recorrentes, permitindo compreender padrões de ação social a partir de seus sentidos subjetivos e contextos materiais⁷. Nesse caso, propomos quatro tipos ideais de apostadores, construídos com base na combinação entre motivação (diversão ou dinheiro) e finalidade (escapar da realidade, complementar a renda, apostar tecnicamente ou obter retorno financeiro planejado).

Esses tipos não se confundem com indivíduos fixos, mas com perfis que organizam práticas, emoções, temporalidades e estratégias. Eles foram derivados da análise aprofundada das entrevistas, cotejada com os dados sociodemográficos e de plataforma, e ajudaram a interpretar as formas distintas de adesão às apostas online observadas no campo.

Perfil 1

Adepto da Fortuna



O Adepto da Fortuna apresenta uma vulnerabilidade social decorrente da **precariedade das condições de vida** como um todo. Está inserido em contextos de baixa perspectiva de transformação de vida. O dinheiro tem uma entrada irregular e está submetido ao **acaso e às circunstâncias**. Fazer planos de curto prazo não é possível, restando o objetivo difuso da "prosperidade". É alguém que confia na sorte, algo bastante compatível com as apostas, que aparecem como esperança escapista. O jogo é uma espécie de suspiro simbólico diante da paralisia cotidiana, onde o futuro é percebido como determinado pelas contingências. Nesse grupo, prevalece a figura do apostador solitário, que joga sozinho no celular, em busca de sorte. Muitas vezes, está associado ao jogo de cassino online, como o tigrinho. O dinheiro, quando ganha, é re-apostado rapidamente ou sacado e convertido em bens ou dívidas quitadas, numa tentativa de materializar o ganho antes que ele se perca novamente⁸.

⁷ Noção desenvolvida por Max Weber, os tipos ideais são ferramentas heurísticas que buscam captar os sentidos das ações sociais a partir da construção de modelos analíticos intencionais, úteis para interpretação comparativa dos fenômenos.

⁸ Prática observada em relatos de usuários que afirmam "já sacar logo que ganha" ou "comprar na Shopee para não perder o dinheiro". Essa conversão imediata é uma forma de transformar sorte em bem durável.

Perfil 2

Matador de Leões



Experiencia a **vulnerabilidade social** em decorrência da precariedade da sua inserção no mercado de trabalho. O dinheiro é contado e fluido, tendo uma **temporalidade muito curta**. Marcado pela informalidade do trabalho ou renda inconstante, vive em estado de alerta econômico. Neste cenário, a perspectiva de ganho rápido das apostas é bastante atrativa. O Matador de Leões vive em um "**presente perpétuo**", não sendo possível fazer planos nem de médio e nem de curto prazo e a aposta aparece como reação urgente à escassez. O jogo não é um escape, mas um recurso possível, mesmo que de baixo retorno. Entre esses, o uso da linguagem de "tática" ou "manobra" econômica é recorrente. Podem transitar entre bets e cassino, dependendo da circunstância.

Perfil 3

Expert da Realidade



O Expert da Realidade busca **multiplicar seus lucros** e fazer das apostas online uma ferramenta de **complementação de renda**, tornando-se um expert no tema. A sua realidade é marcada pelo trabalho e por uma renda que cobre o básico e mais um pouco, podendo ter períodos de maior folga financeira. Não enxerga possibilidades reais de crescimento profissional em um contexto de estagnação econômica, buscando **alternativas arriscadas** para prosperar financeiramente. Valoriza a lógica, estuda jogos e sente que "sabe jogar". Aposta como alavanca de mobilidade, projetando metas de consumo, investimento ou realização pessoal. Aposta com método, cria planilhas, segue influenciadores, e vê o jogo como extensão de seu projeto de ascensão. Ainda que saiba dos riscos, aposta com disciplina e expectativa. A prática é marcada por linguagem técnica e desejo de retorno acelerado. São comuns nas plataformas de bet esportiva, especialmente entre jovens homens adultos da classe C.

Perfil 4

Caçador de Emoções



Busca o **entretenimento** dos jogos para escapar do **tédio** do cotidiano. A diversão está em que a aposta **torna os jogos mais imersivos e "emocionantes"**. Sua realidade é marcada pela possibilidade de adquirir reservas financeiras e uma "gordura" para o lazer. A estabilidade econômica permite um planejamento de médio e, por vezes, de longo prazo. Para este perfil, a aposta entra como mais uma dentre outras formas de distração em um cotidiano tedioso. Em muitos casos, o jogo tem caráter mais coletivo do que solitário, sendo parte da sociabilidade masculina já marcada pelos jogos de futebol. O dinheiro da aposta é o dinheiro do lazer, o qual não seria utilizado para cobrir despesas básicas. Por não buscar multiplicar lucros, não tem o costume de aportar novas quantias nas plataformas, jogando com o mesmo dinheiro que inseriu há meses ou anos. São comuns nas plataformas de bet esportiva, especialmente entre homens das classes A e B.

A tipologia pode ser ainda mais detalhada ao observar o nível de controle financeiro exercido por cada perfil. Enquanto o "Expert da Realidade" costuma apresentar organização de gastos e metas de jogo, o "Adepto da Fortuna" se mostra mais impulsivo, sem planejamento claro. Já o "Matador de Leões" oscila entre contenção e descontrole, dependendo da urgência financeira. Esses padrões ajudam a entender como a aposta se conecta (ou desconecta) de práticas orçamentárias rotineiras, revelando diferentes regimes de relação com o dinheiro.

A seguir, um quadro-síntese que auxilia na visualização dos perfis:

Tipo ideal	Motivação declarada	Estratégia de uso	Temporalidade dominante	Tipo de jogo mais comum
Adepto da Fortuna	Ganhar dinheiro	Aposta como "sorte" ou "fortuna"	Futuro determinado pelas contingências	Cassino
Matador de Leões	Ganhar dinheiro	Aposta como reação à urgência	Presente perpétuo	Cassino e bets
Expert da Realidade	Mista: Diversão, retorno financeiro planejado	Aposta como gestão, método e cálculo	Curto/médio prazo	Bets
Caçador de Emoções	Diversão	Aposta como forma de distração do cotidiano	Médio prazo	Bets

Esses tipos não são mutuamente excludentes nem pretendem dar conta da totalidade dos casos observados, mas operam como referências analíticas para interpretar recorrências. No campo, observamos que as fronteiras entre um tipo e outro são porosas. Jogadores podem transitar entre perfis ao longo do tempo, a depender de eventos de vida, ganhos ou perdas recentes, mudanças no trabalho ou na renda.

Tipologias na prática: quando perfis se tornam vidas

A construção dos tipos ideais, permitiu identificar quatro grandes padrões entre os apostadores entrevistados e como discutido anteriormente, esses tipos não são categorias fixas ou excludentes. Servem como lentes para analisar padrões recorrentes e formas situadas de agir frente ao risco e ao dinheiro. Durante as entrevistas, observamos que os participantes frequentemente **transitam entre perfis ao longo do tempo**, conforme suas condições materiais e emocionais se transformam. Esta seção aprofunda como esses perfis se manifestam na prática, com foco nas dimensões de gênero, organização financeira e regimes morais do dinheiro.

Temporalidade do dinheiro e modos de organizar a vida financeira

Nas classes C, D e E, o tempo do dinheiro é curto. O orçamento raramente dura até o fim do mês. Grande parte dos entrevistados não utiliza ferramentas formais de controle de gastos. As planilhas, quando aparecem, são exceções. O controle de saldo no aplicativo do banco é o método mais comum, funcionando como uma vigilância contínua da conta. Prioriza-se o pagamento de contas básicas e, se houver sobra, considera-se apostar, quitar dívidas menos urgentes ou realizar pequenas compras.

Jogadores que se aproximam do tipo Matador de Leões costumam operar dentro dessa lógica. **Ivan, autônomo de 36 anos**, relatou usar parte do valor recebido no dia para "ver se dobra" no cassino. A decisão de apostar é tomada com base em urgências cotidianas, e não em metas de longo prazo. A aposta se insere como extensão da luta diária pela renda.

Já entre os que se aproximam do tipo Expert da Realidade, há um cálculo maior. São jogadores que tentam impor limites, pesquisam plataformas, estabelecem horários para jogar e verbalizam o desejo de "apostar com lógica". **João, homem, 26 anos, residente em Belém e que atua como autônomo e influenciador digital**, representa esse perfil. Ele equilibra suas diversas ocupações com o tempo dedicado aos jogos, que representam uma parte significativa de sua renda.

Já entre os que se aproximam do tipo Expert da Realidade, há um cálculo maior. São jogadores que tentam impor limites, pesquisam plataformas, estabelecem horários para jogar e verbalizam o desejo de "apostar com lógica". **João, homem, 26 anos, residente em Belém e que atua como autônomo e influenciador digital**, representa esse perfil. Ele equilibra suas diversas ocupações com o tempo dedicado aos jogos, que representam uma parte significativa de sua renda.



Gênero e regimes morais do dinheiro

A análise de gênero revela formas distintas de lidar com o dinheiro e com as apostas. Entre as mulheres, especialmente chefes de família ou cuidadoras, o dinheiro é moralmente negociado. O ato de apostar vem acompanhado de justificativas, dúvidas ou sentimento de culpa. Edna, cozinheira de 46 anos, explicou que apostava pequenos valores com a intenção de multiplicar e comprar mais alimentos para os netos. A aposta é, nesse caso, uma extensão do cuidado, ainda que arriscada.



Entre os homens, o dinheiro destinado ao jogo tende a ser considerado um excedente.

Rodrigo, 28 anos, mestrando, relatou usar o "dinheiro do lazer" para apostar. Se ganhasse, usaria o valor para presentear a namorada ou fazer algum agrado. A aposta é tratada como gesto simbólico ou performático. Há menos tensão entre desejo e dever.

Nos perfis classificados como Expert da Realidade, observamos forte presença masculina e juventude. São jogadores que consomem conteúdos de influenciadores digitais, participam de grupos de Telegram e veem nas apostas um meio de ascensão. Alguns relataram usar estratégias como a alavancagem de odds baixas. O desejo de controle e disciplina aparece, ainda que nem sempre seja sustentado na prática.

Dívidas e redes financeiras informais

O endividamento é uma constante nas classes mais baixas. A lógica de pagamento é seletiva: paga-se o que ameaça cortar serviços essenciais, como energia e água. Dívidas com bancos e cartões de loja são frequentemente deixadas de lado. A preocupação com "nome sujo" perdeu força como regulador moral. Muitos afirmam que não têm perspectiva de limpar o nome e convivem com essa condição.

Nesse contexto, surgem as chamadas economias afetivas. Trata-se de redes informais de crédito, compostas por parentes, vizinhos ou colegas, que emprestam dinheiro com base na confiança. O não pagamento de uma dívida nesse sistema compromete não apenas o crédito, mas também o vínculo afetivo. As apostas, quando feitas com esse dinheiro, carregam não só o risco financeiro, mas também um risco social.

Júlia, de 46 anos, natural da Bahia e moradora da Zona Norte de São Paulo, desempregada, tem uma rotina doméstica com atividades ligadas à casa e à igreja. Valoriza muito a família e a fé, aproximando-se do perfil da Adepta da Fortuna. Gosta de presentear filhos e netos com os bens que adquire através do dinheiro das apostas em casinos. A renda familiar gira em torno de um salário mínimo, mal cobrindo as contas fixas. Ela administra os pagamentos e recorre com frequência a empréstimos feitos por uma amiga próxima, os quais denomina "ajuda" e não "agiotagem". Ela não tem acesso ao crédito formal, tendo desistido de pagar faturas de cartão de crédito que se multiplicaram exponencialmente.

Investimentos, influência familiar e desconfiança

O conceito de investimento também é marcado por classe e trajetória. Entre os entrevistados das classes A e B, há relatos sobre Tesouro Direto, CDBs, fundos de investimento e ações. A prática, no entanto, é herdada dos seus pais. Muitos relatam que começaram a investir por influência de familiares ou cônjuges. O conhecimento técnico e a confiança nas instituições são repassados como capital simbólico e cultural.

Entre os participantes das classes C, D e E, o investimento aparece como desejo distante. Há relatos de tentativas de poupar usando "caixinhas" de bancos digitais, mas o dinheiro é rapidamente utilizado frente a emergências. **Geovanna, 23 anos, babá,** afirmou que já tentou investir, mas caiu em um golpe via rede social. Desde então, passou a desconfiar de qualquer proposta do tipo. **As apostas, por sua vez, são vistas como mais "controláveis", por se passarem diante dos olhos.** Ainda que isso não seja necessariamente verdade, a **percepção de controle** reforça o engajamento.

Os sentidos da aposta

Ao cruzar os tipos com os dados etnográficos, torna-se claro que apostar é mais do que jogar. É uma prática situada, com sentidos diversos conforme o lugar social de quem aposta. O mesmo ato pode expressar esperança, cálculo, desespero, diversão ou busca por reconhecimento.

Esses perfis ajudam a desmontar a ideia de que o apostador é irracional ou desinformado. Em muitos casos, há uma lógica situada, que responde a um mundo de incertezas e escassez. Ao compreender essa lógica, é possível construir campanhas, produtos ou políticas mais coerentes com os públicos-alvo.



14

**Cultura digital,
plataformas
e o design da
compulsão**

As apostas online não operam apenas como uma atividade pontual ou um produto isolado. Elas são parte de um ecossistema de plataformas digitais que combinam recursos de design, engenharia comportamental e cultura de redes para manter o engajamento contínuo dos usuários. O jogo, nesse contexto, deixa de ser apenas uma escolha individual e passa a ser também uma resposta às condições de uso programadas por sistemas algorítmicos e narrativas digitais.

A cultura digital contemporânea é marcada por uma lógica de presença constante, estímulo à interação e gratificação imediata. As plataformas de aposta se ancoram exatamente nesses princípios: oferecem recompensas visuais e sonoras a cada pequena ação, mantêm notificações ativas, sugerem novos jogos, replicam estéticas de redes sociais e promovem comunidades e canais de dicas que reforçam o ciclo da aposta como prática diária. **Nesse ambiente, o jogo é menos uma exceção e mais uma extensão naturalizada do tempo online.**

A compulsão, portanto, não é apenas um traço do sujeito, mas o efeito de uma arquitetura intencional. Diversas plataformas observadas empregam mecanismos típicos da "economia da atenção", com design gamificado, temporizadores de jogadas, bônus temporários e gráficos animados que aumentam a sensação de urgência e a expectativa de ganho. O tempo é comprimido. O jogador é levado a agir, a decidir, a reagir rapidamente. A aposta se torna um clique, e a repetição, uma performance cotidiana.

Esse cenário é amplamente reforçado por influenciadores digitais e produtores de conteúdo especializados em apostas. Nas redes sociais, sobretudo TikTok, Instagram e YouTube, proliferam vídeos curtos com resultados de grandes ganhos, promessas de estratégias infalíveis e tutoriais que ensinam "como viver de bets". A estética desses conteúdos mistura humor, ostentação, linguagem acessível e um forte apelo à identificação geracional. São jovens ensinando jovens. Mulheres ensinando outras mulheres. Moradores de periferia ensinando outros moradores de periferia. A linguagem da autoridade vem da semelhança, não da especialização.

A recorrência com que os entrevistados citam "o grupo do Telegram", "o canal do fulano" ou "a influenciadora que ensina os macetes" evidencia que o jogo é hoje também mediado por **redes de confiança simbólica**, cujos laços não são familiares, mas digitais. Influenciadores são percebidos como especialistas, mentores ou aliados, ainda que suas recomendações estejam frequentemente atravessadas por lógicas comerciais, parcerias e comissões que não são percebidas com clareza.

Essa camada algorítmica de incentivo ao jogo opera de forma distinta entre os gêneros. Homens tendem a narrar um envolvimento mais técnico com as apostas, buscando estratégias, odds e métodos, o que os aproxima da figura do jogador racional e os conecta mais fortemente ao universo dos influenciadores homens. Já mulheres, quando mencionam influenciadoras, o fazem com tom de afinidade emocional, indicando que as seguem mais pela proximidade estética e afetiva do que pela técnica. Em alguns casos, **há também uma crítica clara a esses conteúdos, percebidos como promotores de ilusão ou engano.**

Além disso, o design das plataformas raramente oferece mecanismos de contenção. São poucos os casos em que há ferramentas claras para pausas, limites de tempo ou avisos proativos sobre padrões de uso intensivo. O design é centrado em manter o jogador em jogo, e não em protegê-lo. A ausência de fricções no processo – como dificuldades para sair, desativar notificações ou acessar o histórico de perdas – contribui para a sensação de descontrole. Há um incentivo ao fluxo contínuo de aposta, que esvazia o espaço de reflexão crítica.

Esse conjunto de fatores sugere que compreender o comportamento de jogadores e jogadoras exige mais do que uma análise individual. É necessário observar como os ambientes digitais, os formatos de conteúdo, os algoritmos e o design de interface colaboram para sustentar uma cultura de aposta constante. **A compulsão, nesse sentido, não é apenas um efeito patológico, mas o resultado esperado de um sistema desenhado para maximizar permanência, recorrência e gasto.**

Tipologia e plataforma: como os perfis interagem com a cultura digital das apostas

Se os tipos ideais identificados nos ajudam a compreender os sentidos atribuídos ao jogo por diferentes perfis, o cruzamento com a lógica das plataformas revela como esses sentidos são mediados, reforçados ou tensionados por um ambiente digital altamente performativo. A relação entre jogador e aposta não se dá no vazio. Ela acontece em interfaces responsivas, ambientes gamificados e redes simbólicas que moldam o engajamento.



Cada tipo ideal manifesta uma forma distinta de se relacionar com a cultura digital:

1

O **Adepto da Fortuna**, muitas vezes em situação de vulnerabilidade, é impactado principalmente pelas promessas de retorno imediato. São perfis mais suscetíveis ao apelo visual das plataformas, aos bônus de entrada e aos vídeos de ostentação de ganhos rápidos. A estética chamativa, os efeitos sonoros e a facilidade de entrada operam como gatilhos para a experimentação.

2

O **Matador de Leões**, que busca qualquer ganho diante da instabilidade financeira, se conecta aos amigos e aos influenciadores que apresentam jogos e estratégias muito simples. As plataformas funcionam aqui como espaços de esperança, onde o tempo é escasso. A presença de "comunidades" ou grupos de Telegram é central nesse perfil no início da sua jornada de apostas, oferecendo tanto instrução como reforço emocional. Entretanto, esse perfil coletivo é logo superado, sendo substituído pelo jogo solitário. Muitos tentam limitar seu tempo de uso ou diversificar jogos como forma de manter o controle. Ainda assim, o design responsivo, a ausência de ferramentas claras de pausa e o efeito "caixa de Skinner"⁹ das recompensas intermitentes desafiam esse autocontrole.

3

O **Expert da Realidade** mergulha profundamente nas possibilidades oferecidas pelas plataformas. Estuda os algoritmos de odds, acompanha vídeos didáticos e experimenta estratégias quase profissionais. Para esse perfil, a plataforma é percebida como um mercado: um espaço de leitura técnica, investimento simbólico e promessa de mobilidade econômica. É também aqui que mais observamos homens jovens, com familiaridade tecnológica, e um discurso de justificativa que mascara o risco.

⁹ A "Caixa de Skinner" é um dispositivo experimental criado por B.F. Skinner para estudar o comportamento operante em animais, especialmente a relação entre estímulo, resposta e reforço. O equipamento permitia controlar o ambiente e observar como diferentes tipos de reforço (positivo ou negativo) influenciavam a repetição de certos comportamentos. O experimento tornou-se referência para o entendimento dos mecanismos de aprendizagem por condicionamento, sendo base para o desenvolvimento de práticas aplicadas em contextos como educação, treinamento e análise do comportamento.

4

O **Caçador de Emoções** tem uma experiência frequentemente mais coletiva dos jogos e apostas. Sua relação com as plataformas pode ser mais ou menos frequente, entretanto os valores apostados são normalmente controlados. Sua preferência pelas bets esportivas molda o seu discurso. Este se apresenta imbuído de uma lógica própria daquele que "entende de futebol", sem deixar de lado a emoção do acompanhamento dos campeonatos. A sua atração por determinadas plataformas é determinada pela publicidade televisiva e pelos patrocínios aos times.

Essa variação mostra que as plataformas não apenas acomodam diferentes perfis, mas os moldam, reforçam e alimentam seus modos de jogar.

Tipo ideal	Modo de uso da plataforma	Relação com Influenciadores	Design que mais impacta
Adepto da Fortuna	Uso muito recorrente, motivado pela fé e sorte	Ativa; confia na sorte alheia e na sua própria, tornando-se, por vezes, uma influência	Estímulos visuais e urgência
Matador de Leões	Uso funcional e recorrente para resolver emergências	Ativa; segue canais e grupos	Dicas rápidas de plataformas que "soltam" mais
Caçador de Emoções	Uso regulado e seletivo; tenta controlar a recorrência	Crítica; compara estratégias e discute com os amigos em grupos do WhatsApp	O design é menos importante em sua experiência de jogo do que a "marca"
Expert da Realidade	Uso intensivo com racionalização da prática como "profissão"	Engajada; segue e replica métodos e estratégias oriundas de influenciadores do mercado financeiro	Lógica de mercado e controle

Design algorítmico e desigualdades na experiência

As plataformas operam como filtros, moldando a experiência de cada perfil segundo padrões de uso, rastros digitais e algoritmos de sugestão. Para perfis como o Matador de Leões e o Expert da Realidade, o conteúdo sugerido tende a reforçar o engajamento por meio de ofertas customizadas e novos produtos de aposta, o que cria ciclos de uso mais intensos e sofisticados. Já o Adepto da Fortuna, com menos repertório digital e menos tempo de tela contínuo, recebe estímulos mais genéricos, mas igualmente eficazes na ativação emocional do jogo.

Além disso, os efeitos são mediados pelo gênero. As mulheres relatam com mais frequência sentir culpa após apostas compulsivas e desconfiança frente a promessas muito agressivas. Ainda assim, seguem influenciadoras que compartilham experiências parecidas, criando uma rede de identificação e validação. Os homens, por sua vez, narram um envolvimento mais performático e racionalizado, o que os torna mais vulneráveis a conteúdos que vendem a ilusão do controle.

É importante observar que nem todos os entrevistados mantêm relação contínua com as plataformas. Há uma diversidade de frequências de engajamento — de jogadores que acessam diariamente a outros que jogam raramente ou se consideram ex-jogadores.

Muitos relatam pausas voluntárias, desinstalação de apps ou a decisão de não mais depositar dinheiro, mesmo que ainda acompanhem os canais ou utilizem bônus remanescentes. Esses relatos apontam para uma experiência de jogo intermitente, nem sempre estável ou progressiva, que desafia os modelos tradicionais de adesão e abandono.

15

Entre rotinas digitais e afetos calculados

Camadas da adesão ao jogo



Além de explicitar como os recursos de design e os algoritmos sustentam a permanência nas plataformas de apostas, os dados de campo permitem aprofundar outras camadas fundamentais para entender a adesão cotidiana ao jogo. A análise revela que o engajamento com as bets e com os cassinos online não se limita à lógica da compulsão ou à promessa de ganho financeiro. Envolve também a construção de rotinas, afetos e formas de pertencimento que organizam o tempo e o desejo.

O jogo como prática inserida na rotina digital

Para muitos entrevistados, especialmente os mais jovens, o ato de apostar se integra ao uso cotidiano do celular. Trata-se de uma ação que ocorre entre outras, como checar mensagens, assistir vídeos ou postar nas redes sociais.

A aposta não é vivida como um evento destacado, mas como parte da rotação diária de aplicativos. Isso se torna ainda mais evidente nos relatos de usuários que mantêm várias plataformas abertas simultaneamente ou que recebem notificações de apostas no meio do trabalho, dos estudos ou das tarefas domésticas. A organização do tempo online passa a incluir o jogo como hábito, não como exceção.

Temporalidade da aposta e sensação de agência¹⁰

Diferente dos investimentos tradicionais, que operam com promessas de retorno futuro, o jogo online lida com uma temporalidade curta, quase instantânea. Essa diferença afeta a percepção de agência.

¹⁰ No campo das ciências sociais, "agência" refere-se à capacidade dos indivíduos de agir e tomar decisões dentro de contextos sociais estruturados. Ainda que condicionadas por normas, instituições e relações de poder, as pessoas não são apenas produtos das estruturas: elas também interpretam, negociam e transformam suas realidades. O conceito é central para análises que buscam compreender como sujeitos exercem escolhas, resistem ou se adaptam às condições sociais, culturais e econômicas nas quais estão inseridos.

Muitos entrevistados relatam que "preferem apostar a investir" porque, no jogo, "a resposta é na hora", "é você quem decide", "é rápido". **A sensação de que se tem controle – mesmo que ilusória – contribui para o apelo das apostas. Em contraste, o mundo dos investimentos é descrito como distante, técnico, e muitas vezes ininteligível.** O jogo se aproxima da experiência comum, do senso de ação direta sobre o dinheiro e sobre o destino.

Cultura do reconhecimento e performance social

As apostas também aparecem como forma de se provar socialmente. Ganhar uma aposta e "postar no grupo" ou "mostrar que entende do jogo" são ações que geram reconhecimento simbólico, especialmente entre os homens jovens.

Trata-se de uma **performance de competência que envolve orgulho, status momentâneo e pertencimento a uma comunidade.** Mesmo entre jogadores que perdem com frequência, há a ideia de que "uma hora vai" ou que "todo mundo já perdeu", o que normaliza o ciclo de perdas e ganhos e mantém o engajamento. Para algumas mulheres, por outro lado, a visibilidade do jogo é mais seletiva.

Apostar é, em certos contextos, uma prática silenciada, feita no privado, e menos associada ao orgulho e mais à culpa ou à busca de alívio. A dimensão de gênero, portanto, também organiza o modo como o jogo é compartilhado ou ocultado socialmente.

Sentido emocional e zonas de afeto

Para além da distração, o jogo online oferece zonas de afeto e distração emocional. Em diversos relatos, especialmente entre mulheres com rotinas exaustivas ou experiências de sofrimento, as apostas aparecem como momentos de "descanso mental", "esquecimento dos problemas" ou "tempo para si". Em alguns casos, essa função subjetiva se sobrepõe ao desejo de ganhar dinheiro.

O clique, o barulho da máquina, o giro do tigrinho, tudo compõe uma micro atmosfera que suspende temporariamente o peso da realidade. Mesmo quando há perdas, a permanência no jogo é justificada por esse valor emocional. **A plataforma opera como escape, não apenas como promessa de lucro.**

Afetos, espiritualidade e apostas

A relação emocional com o jogo foi descrita em tons variados. Em especial entre mulheres, observamos o uso da aposta como forma de escape emocional, com sentimentos ambíguos de culpa e prazer.

Além disso, surgem narrativas de que **certos ganhos seriam uma "bênção" ou "resposta divina"**, indicando que a fé, em contextos de vulnerabilidade, pode também legitimar a adesão ao jogo. Essas narrativas são mais comuns entre aquelas identificadas com o perfil da **Adepta da Fortuna**. Entre mulheres e homens, sentimentos como raiva, euforia, arrependimento e orgulho compõem uma montanha-russa emocional que atravessa a experiência com as apostas.

Ambiguidade moral e racionalização da prática

Relatos mostram uma convivência ambígua com o jogo. Muitos entrevistados reconhecem que apostam mais do que deveriam, que já perderam valores importantes, ou que tentam parar. Mas também criam racionalizações que mantêm a prática em funcionamento.

Entre essas justificativas, estão frases como "todo mundo aposta", "é melhor que fumar", "já gastei em coisa pior" ou "é só meu lazer". **Essa ambiguidade não é contradição, mas uma forma de administrar moralmente um comportamento que desafia normas sociais, valores familiares e padrões de consumo estável.** O jogo é, portanto, também um terreno de negociação simbólica entre desejo e dever, risco e controle, prazer e culpa.



Micro estratégias e a tentativa de moderação

Mesmo inserida na rotina, a prática da aposta é mediada por tentativas de controle. Jogadores relataram estratégias como sacar imediatamente os ganhos, estabelecer valores máximos semanais ou evitar apostar com dinheiro essencial.

Essas práticas não eliminam o risco, mas indicam a presença de formas conscientes de contenção. A rotina, portanto, não é espaço apenas de naturalização do jogo, mas também de disputas internas entre desejo, disciplina e risco percebido.

Apostas e comportamento financeiro

No campo, observamos que a adesão ao jogo online está intimamente conectada ao modo como os indivíduos administram dinheiro, pensam seus compromissos financeiros e projetam horizontes de consumo e investimento.

Essa camada prática se articula diretamente às tipologias previamente apresentadas, revelando que **o comportamento dos jogadores não é desprovido de cálculo, mas ancorado em lógicas situadas** que respondem às condições materiais e simbólicas de cada contexto.



O jogo como orçamento paralelo: entre a urgência e a tentativa de controle

Entre os perfis mais vulneráveis, o jogo é frequentemente usado como uma alternativa emergencial de obtenção de renda. Um exemplo disso é o caso de uma pessoa entregadora entrevistada, que relata separar parte do valor recebido em corridas para fazer apostas durante a noite. Em seu relato, há clareza sobre os riscos, mas também um senso de urgência: "era o único jeito de tentar virar". **Nesses casos, o jogo não é desorganização, mas uma tentativa de reequilíbrio diante da instabilidade.**

Estratégias de contenção: uso de limites, saques imediatos e compras direcionadas

Alguns jogadores desenvolveram táticas específicas para não perder o controle. Um entrevistado de São Paulo, por exemplo, estabelece um valor fixo por semana para as apostas e, ao atingir um ganho inesperado, realiza imediatamente o saque e usa o valor para pagar contas ou comprar produtos de necessidade. Uma professora da rede pública relatou que, após perder repetidamente, passou a sacar todo o valor assim que ganhava e usá-lo para compras em lojas como Shopee e Casas Bahia. "Pelo menos vira alguma coisa que eu vejo", afirmou. Esses exemplos mostram como o ganho simbólico é convertido em materialidade, uma forma de tornar concreto o que é volátil.

Dívida, culpa e a pedagogia do prejuízo

A dimensão moral das finanças emerge com força em depoimentos de jogadores que se endividaram. Um autônomo da periferia de Belém relatou ter perdido o equivalente ao valor da mensalidade da escola da filha e, desde então, criou uma "pedagogia do prejuízo" para si: aposta apenas se tiver o valor da parcela garantido. Já uma jovem de 23 anos, moradora do Norte do país, disse que parou de jogar após ter que vender o celular para cobrir dívidas. "Foi quando eu vi que não era mais lazer". Aqui, a vivência da dívida não apenas marca o limite da prática, mas ressignifica o próprio sentido da aposta.

Gênero e formas distintas de lógica e organização

As diferenças de gênero aparecem também na forma como homens e mulheres narram suas decisões financeiras relacionadas ao jogo. Homens tendem a relatar estratégias de cálculo técnico: escolher jogos com melhores odds, usar métodos baseados em estatísticas ou criar planilhas simples de controle. Já entre as mulheres, há um padrão mais emocional e preventivo, com foco em evitar o colapso financeiro. Isso se manifesta na escolha de plataformas com limites baixos, no uso de saldo de cashback e em práticas como excluir o aplicativo após perdas. Há também uma relação mais ambivalente com a ideia de "merecimento" e "culpa", sugerindo que o risco é internalizado de forma diferente conforme o gênero¹¹.

Dinheiro como afeto, ilusão e linguagem

A forma como os entrevistados falam do dinheiro revela uma gramática afetiva complexa. Em muitos casos, o valor financeiro não é apenas numérico, mas simbólico: "o dinheiro do gás", "o dinheiro da criança", "o dinheiro da sorte". Essa nomeação moraliza o recurso e define sua finalidade social. Quando esse dinheiro é perdido, o impacto é mais do que financeiro: é emocional. Quando é ganho, busca-se dar a ele uma "função nobre", como pagar uma conta ou fazer uma compra visível. Em ambos os casos, o dinheiro da aposta é performativo: ele representa o desejo de controle diante da instabilidade.

Essa análise reforça que compreender as apostas online exige incorporar uma leitura ampliada da economia cotidiana. O jogo se insere em dinâmicas de organização financeira que articulam desejo, controle, gênero, classe e moralidade. O mesmo comportamento — apostar — pode representar fuga, planejamento, esperança ou compulsão, a depender de quem o realiza, do momento em que ocorre e dos recursos disponíveis para lidar com seus efeitos. Ao reconhecer essas camadas, possibilita-se pensar estratégias de regulação, comunicação e intervenção mais situadas, que respeitem a lógica concreta de quem está do outro lado da tela.

¹¹ Pesquisas sobre consumo e gênero indicam que, ao enfrentar consequências negativas relacionadas ao consumo — como endividamento, frustração ou insatisfação — mulheres tendem a interpretar esses efeitos como falhas morais ou pessoais (falta de controle, irresponsabilidade, culpa), enquanto homens os atribuem com mais frequência a fatores externos, como o funcionamento do sistema, o mercado ou o acaso. Essa diferença se insere em padrões mais amplos de socialização de gênero, que moldam a forma como sujeitos se responsabilizam (ou não) por suas escolhas de consumo.

16

Apostas e classe média alta

Entre controle simbólico e normalização do risco



Até aqui analisamos apostas como prática ancorada na urgência, no afeto ou na rotina digital, é importante observar como essa lógica se reconfigura em segmentos de maior renda. Ainda que numericamente menos presentes na amostra, os perfis de classe média alta revelam uma adesão distinta ao jogo, marcada por formas específicas de justificação moral e por um discurso de lógica que cumpre função simbólica.

Lazer com controle: o jogo como consumo planejado

Em contextos de maior capital cultural e financeiro, a aposta é frequentemente **descrita como uma escolha consciente, parte de um repertório mais amplo de entretenimento.**

O jogo surge ao lado de atividades como ir ao teatro, viajar, experimentar vinhos ou fazer compras online. Entrevistados desse grupo mencionam tetos de gasto, horários predefinidos para jogar e até planilhas de controle.

A prática é enquadrada como **"lazer de baixo custo"** e raramente aparece isolada de outras formas de consumo cotidiano. Isso reforça a imagem de que, para esse grupo, o jogo não rompe a ordem, mas é integrado a ela.

A linguagem do investimento: entre diversificação e performance

Essa escolha lexical não é neutra: reforça a distinção simbólica entre "apostar com inteligência" e "jogar por impulso". Um homem de classe média alta entrevistado descreveu suas apostas como "um exercício de leitura de cenário", enquanto outro mencionou que aprendeu a "ler o mercado" por meio das bets. **A estratégia funciona, nesse contexto, como um ativo simbólico que reforça o pertencimento a um grupo capaz de lidar com o risco.**

Entre os entrevistados de maior renda, é comum a apropriação de termos do universo financeiro, como "diversificar", "retorno", "estratégia", para descrever as apostas. Esse uso de linguagem técnica funciona como uma blindagem simbólica: **ao tratar o jogo como "investimento", o risco é deslocado para um campo estratégico, tornando-se mais socialmente aceitável.** No entanto, essa transposição de códigos pode ocultar dinâmicas impulsivas ou perdas relevantes, mantendo a aparência de controle mesmo diante de contradições internas.

A estratégia como blindagem simbólica

Mesmo quando admitem perdas ou comportamentos mais impulsivos, alguns dos entrevistados de renda alta rapidamente encaminham a narrativa para uma zona segura. Aposta-se, por vezes, mais do que o planejado, mas "só em dias ruins", "só quando sobra" ou "só por diversão".

Essas justificativas operam como mecanismos de blindagem simbólica, permitindo que a prática se mantenha legitimada. O controle, nesse caso, é mais uma performance social do que um fato objetivo. Ele organiza como se fala do jogo, não necessariamente o modo como ele se dá.



Classe como mediação moral e estética

O que essa análise revela é que a classe não age apenas como posição econômica, mas como um sistema moral que define o que pode ser dito, feito ou admitido. **A mesma prática que, em outros contextos, é descrita com vergonha ou culpa, aqui é articulada como estilo de vida.** Aposto-se com moderação, mas também com repertório. O jogo, assim, passa a ser uma extensão da capacidade de escolher com sofisticação, e não um problema a ser enfrentado. O risco é normalizado, desde que mediado pela técnica, pela linguagem e pelo autocontrole aparente.

Ambiguidades e zonas de silêncio

Apesar da narrativa do domínio, há espaços de ambiguidade. Alguns dos entrevistados de renda alta relatam que as apostas já causaram desconforto financeiro pontual, discussões familiares ou arrependimentos momentâneos. Ainda assim, essas situações são tratadas como exceção, não como padrão. Não há espaço, nesse discurso, para a noção de perda estrutural. O silêncio em torno dos impactos mais profundos do jogo – como endividamento oculto ou alterações de humor – reforça o quanto o pertencimento de classe também organiza o que pode ser dito. Quando o jogo é enquadrado como consumo de qualidade, torna-se mais difícil reconhecer seus efeitos como problemáticos.

17

Ex-jogadores

Rupturas parciais, estratégias de contenção e continuidades sutis

Contribuições analíticas: o ex-jogador como figura estratégica

A presença dos ex-jogadores na pesquisa amplia a compreensão do ciclo completo da aposta, não apenas como início e engajamento, mas como desengajamento e resignificação. Eles oferecem pistas valiosas para entender os pontos de ruptura, as dores acumuladas e as estratégias possíveis de contenção. Também ajudam a pensar políticas públicas e iniciativas de comunicação que dialoguem com esse grupo de forma realista e empática, reconhecendo as ambiguidades de sua relação com o jogo.

Ex-jogador que ainda joga: o deslocamento da fronteira simbólica

Os ex-jogadores e ex-jogadoras entrevistados não formam um grupo homogêneo. Alguns abandonaram completamente as plataformas, mas muitos continuam acessando apps, utilizando bônus ou apostando sem novos depósitos.

Mesmo assim, se identificam como "ex-jogadores" e "ex-jogadoras" por não comprometerem mais sua renda. Isso revela que **a saída do jogo não é um rompimento definitivo, mas uma reconfiguração simbólica da prática**. A identidade de ex-jogador pode funcionar como marco moral, ainda que a plataforma continue presente na rotina digital.

Parte dos entrevistados que se dizem ex-jogadores continua acessando plataformas para utilizar bônus, jogar com saldos remanescentes ou acompanhar partidas sem realizar novas apostas com dinheiro próprio. A fronteira entre "jogar" e "não jogar" é, nesses casos, reconfigurada por critérios subjetivos:



O que define o ex-jogador não é a ausência da atividade, mas o rompimento com a lógica do gasto.



Ao não colocar mais dinheiro, essas pessoas sentem que retomaram o controle. O distanciamento se torna simbólico, mais do que operacional.



Estratégias de contenção: rituais, aplicativos e autoproibições

Muitos ex-jogadores relatam que interromperam a prática com a ajuda de estratégias voluntárias, como deletar aplicativos, pedir bloqueios de conta, evitar grupos de apostas ou buscar atividades substitutivas. Essas ações funcionam como rituais de rompimento e expressam o esforço ativo de conter um hábito percebido como prejudicial. Há também quem recorra a estratégias tecnológicas, como aplicativos de autolimitação ou cartões pré-pagos, para impedir gastos impulsivos. A saída, nesses casos, é planejada, mas constantemente vigiada.

Motivações: perda, vergonha, esgotamento e frustração

As razões apontadas para parar de jogar variam, mas se concentram em quatro núcleos: perdas significativas (financeiras ou emocionais), vergonha social (principalmente entre mulheres), esgotamento do prazer (quando a aposta deixa de oferecer excitação) e frustração moral (sensação de estar enganando a si mesmo ou aos outros).

Essas motivações, muitas vezes, são entrelaçadas. O jogo, antes promissor, passa a ser associado a fracasso ou culpa. A ruptura é vivida, então, como forma de recompor a autoestima, os vínculos ou a estabilidade material.

Gênero e silêncio: as mulheres que se calam, os homens que narram

A saída do jogo também é marcada por diferenças de gênero. Entre as mulheres entrevistadas, é comum que o abandono venha acompanhado de silêncio, negação ou apagamento do passado de jogadora. A aposta é vista como um erro a ser esquecido, não compartilhado.

Entre os homens, ao contrário, há mais abertura para narrar o afastamento como uma vitória pessoal, uma demonstração de controle e maturidade. Isso revela que, mesmo no abandono, a aposta continua sendo mediada por regimes morais distintos, sustentados por expectativas de gênero.



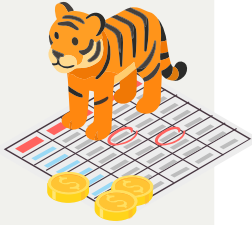
O jogo como presença fantasma: memórias, saudade e vigilância

Mesmo entre quem se afastou, o jogo permanece como memória, tentação ou possibilidade. Alguns dizem sentir "falta da adrenalina", outros mantêm apps instalados "só para acompanhar" ou assistem a vídeos de apostas como entretenimento. Há quem reforce constantemente a decisão de parar, como se precisasse renovar o compromisso diariamente. A figura do ex-jogador, assim, carrega **uma tensão permanente entre recaída e superação**. É um estado de vigilância contínua.

18

Encaminhamentos

Da escuta individual à construção coletiva



O que escutamos até aqui

A etapa de entrevistas individuais permitiu mapear dimensões centrais da experiência com apostas online: práticas cotidianas, sentidos atribuídos ao jogo, estratégias de controle e trajetórias de saída. Com isso, desenhamos um primeiro panorama das dinâmicas sociais, emocionais e econômicas que moldam o engajamento com bets e cassinos digitais.



A escuta como base da tipologia

A partir dessas escutas emergiram perfis distintos de apostadores e ex-apostadores, organizados por motivações, comportamento financeiro e expectativas temporais. Essa tipologia, inspirada na construção de tipos ideais, serviu como uma lente para analisar a diversidade e os atravessamentos de classe, gênero e cultura digital.



Da construção de perfis para a construção de jornadas

Os perfis ajudam a compreender o "quem"; a jornada nos aproxima do "como". A escuta individual revelou indícios de ciclos de entrada, permanência, oscilação e afastamento das plataformas. Contudo, esses movimentos precisaram ser tensionados e validados em dinâmicas coletivas, que revelaram consensos, disputas e nuances.



Validação nos grupos focais da segunda etapa

A realização dos grupos focais permitiu explorar justamente esse espaço coletivo de negociação de sentidos. Ao confrontar diferentes trajetórias em um mesmo ambiente, pudemos observar como os perfis se reconhecem (ou não) entre si, como justificam suas práticas, e como imaginam o futuro em relação às apostas.

19

Segunda etapa de grupos focais

Construção e validação da jornada do usuário

Objetivo

- 1 Mapear e validar a jornada da pessoa apostadora em bets esportivas e cassinos online, identificando motivações, comportamentos, emoções e percepções nas etapas antes, durante e após o jogo.
- 2 Aprofundar e validar pontos explorados nas entrevistas presenciais.

Recorte e critério de segmentação

Os critérios de recrutamento e de agrupamento de cada um dos grupos foram estabelecidos com base nas descobertas do campo presencial, que levaram à hipótese de que os potenciais apostadores apresentariam jornadas distintas relacionadas à sua entrada no universo das apostas. De um lado, aqueles que entram através dos cassinos, de outro, aqueles que entram através das bets esportivas.

NÍVEL 1

Tipo de jogo (bets ou cassinos online)

Aqui consideramos o tipo de jogo preponderante indicado na fase de recrutamento. Foi realizado um grupo para aqueles que se identificaram como apostadores em bets e outro para aqueles que afirmaram jogar em cassinos online com maior frequência.

NÍVEL 2

Motivação de aposta (intenção de obter renda ou diversão)

O critério da motivação preponderante para a aposta foi utilizado para garantir que ambos os grupos contassem com apostadores e apostadoras que jogam com a intenção de obter renda e que jogam por diversão.

Composição dos grupos*

GRUPO 3

Predominância de aposta em bets

- ▶ **Gênero:** três homens e uma mulher – por desistência de última hora de uma participante mulher
- ▶ **Faixa etária:** 24 a 41 anos
- ▶ **Tipos de jogos:** dois participantes jogavam apenas em bets esportivas e outros dois em bets e cassinos

GRUPO 4

Predominância de aposta em cassinos

- ▶ **Gênero:** três homens e três mulheres
- ▶ **Faixa etária:** 19 a 44 anos
- ▶ **Tipos de jogos:** todos apostavam apenas em cassinos online

* Os grupos 1 e 2 participaram da primeira etapa de grupos focais.

Principais temas explorados



Frequência de aposta



Tipos de jogos mais comuns:
bets / cassinos / ambos



Motivação de jogo
(jornada longa e curta)



Entrada e rotina de jogo



Comportamento financeiro



Percepção de controle e vício



Emoções



Sociabilidade

Aprendizados por grupo

GRUPO 3 (bets)



Motivação e início da jornada de apostas

Aposta é motivada pela diversão e para adicionar emoção à experiência de torcer por times de futebol. Existem casos de aprofundamento e consideração das apostas como uma fonte de renda extra, com um foco crescente em controle e gerenciamento.



Percepção sobre os jogos e riscos envolvidos

Incursões esporádicas em cassinos – percebidos como mais arriscados, emocionais e instantâneos, com rápido aumento ou perda de dinheiro e maior frustração em caso de perdas. Apostas esportivas, por sua vez, vistas como mais estratégicas e relacionadas à paciência.



Gerenciamento financeiro e impacto econômico

Diferentes abordagens ao gerenciamento financeiro, incluindo gerenciamento de banca rigoroso e controle de perdas e ganhos. Dinheiro apostado visto como "dinheiro de diversão", "dinheiro que não faz falta". É o caso de participante que apontou ter o objetivo de obter "rentabilidade" ou "alavancagem" dos valores ganhos. Saques de valores são raros, sendo mais comum manter o dinheiro na plataforma.



Controle, compulsão e tentativas de parar

Percepção de controle sobre as apostas e sobre "saber a hora de parar". Alguns apontaram seguir um sistema de gerenciamento rígido e limitado após grandes perdas, obtendo "controle" sobre as apostas. Parte dos participantes apresenta a percepção de que o jogo é uma "pirâmide financeira" "a qual uma hora ou outra vai dar errado". A continuidade é justificada por alguns porque, até o momento, tudo "está dando certo".



Influência social e relacionamentos

A influência de amigos é um fator-chave no engajamento e na manutenção das apostas, por meio de compartilhamento de informações, dicas e "cupons" em grupos de amigos que apostam. Há também relatos de parceiros e familiares próximos que não apoiam a atividade, que podem ser importantes para ajudar no controle. Houve, entretanto, relatos em que a queixa de familiares levaram participantes a esconderem suas apostas no ambiente doméstico.



Intersecção entre o físico e o digital ("figital")

As bancas físicas emergem como um ponto de entrada relevante e, em alguns casos, como uma alternativa ao online. Nessas bancas, o apostador não precisa usar o próprio CPF, o que pode atrair quem busca anonimato ou tem restrições para cadastro online. A experiência é descrita como menos ansiosa, pois o jogo não pode ser alterado depois da aposta, em contraste com o online, onde pode haver manipulação durante o evento. O comprovante de aposta exibe o ganho projetado com o desconto do dono da banca. Há uma dinâmica de relacionamento com os representantes, que convidam pessoas para jogar e chegam a "traçar" jogos (estabelecer um caminho de apostas ou eventos múltiplos) para estimular o fluxo.

GRUPO 4

(cassinos)



Motivação e início da jornada de apostas

Foco unânime em ganhar dinheiro. Alguns conheceram os jogos de cassino por curiosidade após verem anúncios ou por meio de familiares que afirmaram obter ganhos. A influência de figuras públicas, como influenciadoras digitais, também apareceu como um fator de entrada.



Percepção sobre os jogos e riscos envolvidos

Há a percepção de que, ao longo do tempo, as plataformas de cassino estão "segurando mais" ou pagando menos. Foi percebido que os algoritmos por trás das plataformas tendem a fazer o jogador perder se utilizar apenas bônus, exigindo a inserção de "dinheiro novo" para ter chances de ganho. A frustração é alta, e alguns reconhecem que tentar recuperar pode levar a um ciclo ainda maior de perdas.



Gerenciamento financeiro e impacto econômico

É onde ocorre o impacto financeiro mais severo, com relatos de perdas substanciais por não conseguirem sacar a tempo ou por apostar novamente seus ganhos. O recurso a empréstimos bancários, poupanças e cartões de crédito para financiar apostas é uma prática comum, agravando a situação financeira. O jogo chegou a comprometer recursos essenciais. Uma estratégia citada é o saque imediato do dinheiro em espécie ao ganhar, para evitar usá-lo novamente para jogar. Há uma percepção de que o dinheiro ganho nos jogos "não é suado" e mais fácil de gastar.



Controle, compulsão e tentativas de parar

A luta contra a compulsão é um tema central. A presença de familiares que também apostam pode dificultar a interrupção. Houve relatos de redução no jogo após experiências negativas e o risco de perder bens, com o reconhecimento de que jogar com sentimento de frustração é o pior cenário. Relatos de redução de frequência de jogo pela percepção de que as plataformas estão pagando menos. A associação entre o jogo e estados emocionais negativos (frustração, solidão) e o uso de substâncias (álcool, cigarro) são características distintivas do grupo.



Influência social e relacionamentos

Influência de figuras públicas é um fator crucial para o início da jornada de apostas. Há relatos de envolvimento em esquemas financeiros com essas figuras, em que apostadores criavam múltiplas contas em plataformas para ajudá-las a atingir metas de depositantes em troca de retorno financeiro. Jogo visto como gatilho de conflitos familiares pelo "julgamento" da família. A necessidade de sigilo sobre perdas em casa é uma questão presente.



Intersecção entre o físico e o digital ("figital")

Intersecção entre físico e digital através de esquemas híbridos impulsionados por figuras públicas e influenciadores digitais, que aparecem como uma ponte "física" para o mundo das apostas.

O que aprendemos: principais insights comparativos

1

Motivação e propósito do jogo

Enquanto os apostadores em bets apresentam uma motivação mista, que inclui a diversão e a paixão por esportes, os jogadores de cassinos são unânimes na busca por ganhos financeiros para suprir necessidades básicas ou pagar contas, revelando diferentes níveis de precarização ou necessidade financeira impulsionando o jogo.

2

Gestão do dinheiro e perdas

Enquanto os jogadores em bets demonstram uma tendência a gerenciar o dinheiro das apostas de forma mais estruturada, os jogadores de cassinos revelam uma dinâmica de uso mais impulsiva e desvalorizada do dinheiro, resultando em estratégias drásticas para evitar perdas maiores e uma percepção de que é necessário diminuir ou parar de jogar.

3

Percepção de manipulação e "a casa sempre ganha"

Ambos os grupos compartilham a consciência de que as plataformas são manipuladas e favorecem a "casa". Entre apostadores em bets, isso se manifesta na percepção de que jogos virtuais são "manipulados" e que "a casa sempre ganha". Entre jogadores de cassinos, essa percepção é mais detalhada, com a compreensão de que as plataformas "seguram" o dinheiro, exigem mais depósitos para pagar e que muitas são, na verdade, parte do mesmo conglomerado com links e nomes distintos.

4

Estratégias de controle e o ciclo da compulsão

Os jogadores de ambos os grupos demonstram tentativas de controle e gerenciamento do jogo, mas frequentemente entram em um ciclo de compulsão. Os apostadores manifestam diferentes estratégias para esse controle. Enquanto alguns jogadores em bets podem encontrar controle na natureza fixa das apostas em bancas físicas, outros adotam gerenciamento de banca após perdas significativas. Entre os apostadores em cassinos, o saque imediato em espécie é uma tática para evitar recair, mas a dificuldade de parar e a busca incessante por recuperar perdas são temas recorrentes, evidenciando o impacto psicológico e financeiro das apostas.

Do grupo à jornada

As contribuições dos grupos focais não apenas validaram os perfis identificados anteriormente, como também ofereceram subsídios para a construção de jornadas de engajamento: fluxos compostos por motivações, experiências e decisões que organizam a relação com o jogo ao longo do tempo.

20

Jornada dos apostadores

A partir dos estudos de campo, realizamos o mapeamento e a análise dos perfis de apostadores que mais se destacaram nas entrevistas. A definição desses "perfis ideais" consiste em representações amplas, baseadas nas características mais recorrentes observadas em campo. Com base nesses perfis (considerando aspectos como gênero e estilo de vida) é construída uma jornada que narra desde a descoberta das apostas até seus desfechos, abordando influências, emoções e estilos de jogo.

A jornada do usuário é uma ferramenta do design que visa representar visualmente o caminho percorrido por uma pessoa ao interagir com um produto, serviço ou sistema. Ela descreve as etapas vivenciadas pelo usuário, bem como suas ações, pensamentos e emoções ao longo dessa trajetória. Com ela, podemos visualizar em detalhes as **intenções, motivações, emoções e potenciais comportamentos danosos à saúde financeira das pessoas** que apostam nessas plataformas.

De forma geral, o mapeamento de jornada inclui:



Personas: perfis fictícios criados a partir de dados reais coletados nas entrevistas.



Etapas da jornada: momentos-chave da experiência, como descoberta, ativação, uso, interrupção e possível retorno.



Ações do usuário: comportamentos e decisões em cada etapa.



Pensamentos e emoções: reflexões e sentimentos associados a cada momento.



Dores e oportunidades: pontos de fricção e possibilidades de melhoria. Esse processo se torna um marco importante de cooperação entre as equipes da Anbima e da Kyvo especialmente por alinhar-se a um dos principais objetivos do projeto: **desenvolver soluções educativas que promovam hábitos financeiros mais saudáveis entre os apostadores.**

Em nossa pesquisa, além dos pontos já mencionados, realizamos um cruzamento de dados com base em uma análise aprofundada das entrevistas de campo. Essa análise contempla **sentimentos, experiências e impactos financeiros** vivenciados pelos participantes, que emergem como resultados relevantes do estudo. Esses elementos foram traduzidos de forma visual por meio das jornadas, ilustrando os caminhos percorridos e **revelando como decisões e desfechos estão interligados**, refletindo diretamente no comportamento final do apostador após sua trajetória de aprendizado.

Elementos adicionados à jornada



Comportamentos

Caminhos que o perfil pode seguir baseado em estratégias ou modo aposta.



Sociabilidade

Experiências individuais ou coletivas.



Sentimentos

Mapeamento de sentimentos e emoções preponderantes em um evento determinado.



Impacto financeiro

Mapeamento de impacto financeiro positivo, negativo ou neutro.

Sobre os comportamentos identificados

Observamos que os desfechos mais recorrentes apontam para dois caminhos principais: a continuidade da prática de apostas ou o abandono dessa atividade, a depender da vivência individual de cada participante. Ressalta-se, no entanto, que essa jornada não ocorre de forma isolada; ela é marcada também por experiências coletivas, especialmente no início e na manutenção da prática, onde a influência de amigos, familiares e do contexto social exerce papel significativo.

A partir de uma divisão clara entre os modos de entrada no universo das plataformas de apostas: bets esportivas e cassinos, reconhecemos alguns possíveis caminhos em que os usuários podem seguir baseados em estratégias ou modo aposta que influenciam no desfecho da jornada. Essas jornadas estão relacionadas aos perfis ideais já apresentados:



Caçador de Emoções

Busca o entretenimento dos jogos para escapar do tédio cotidiano. A diversão está em que a aposta torna os jogos mais imersivos e "emocionantes".



Expert da Realidade

Busca multiplicar seus lucros e fazer das apostas online uma ferramenta de complementação de renda, tornando-se um expert no tema.



Matador de Leões

O dinheiro é contado e tem uma temporalidade muito curta, sendo a perspectiva de ganho rápido das apostas bastante atrativa.



Adepto da Fortuna

É adepta da "fortuna" como "sorte", algo bastante compatível com as apostas. Fazer planos de curto prazo não é possível, restando o objetivo difuso da "prosperidade".



Ex jogador(a)

Tem um perfil bastante fluido. Afirma ter parado, mas ainda mantém contas ativas e joga eventualmente com bônus ou saldos residuais. Alguns param de apostar após perdas significativas ou eventos familiares. A trajetória de saída do jogo é pouco linear e marcada por recaídas ou redefinições do que significa "apostar".

Sobre as linhas da jornada



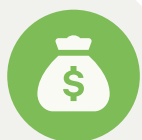
Linha de sociabilidade

A linha de sociabilidade é uma definição criada pela equipe para explorar pontos da experiência como individual (sem a presença de outras pessoas) ou coletiva (com a presença física ou virtual de outras pessoas). As situações de vivência individual são aquelas onde o apostador decide e experimenta sozinho. Bem como as experiências coletas são vividas em conjunto com outras pessoas, espaços de compartilhamento online ou presenciais como eventos e comunicação.



Linha de sentimentos

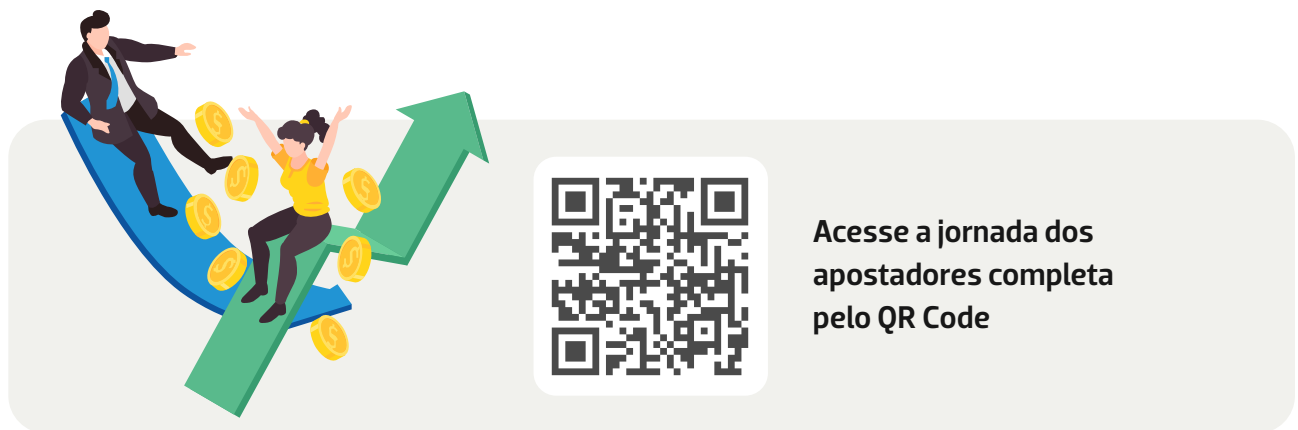
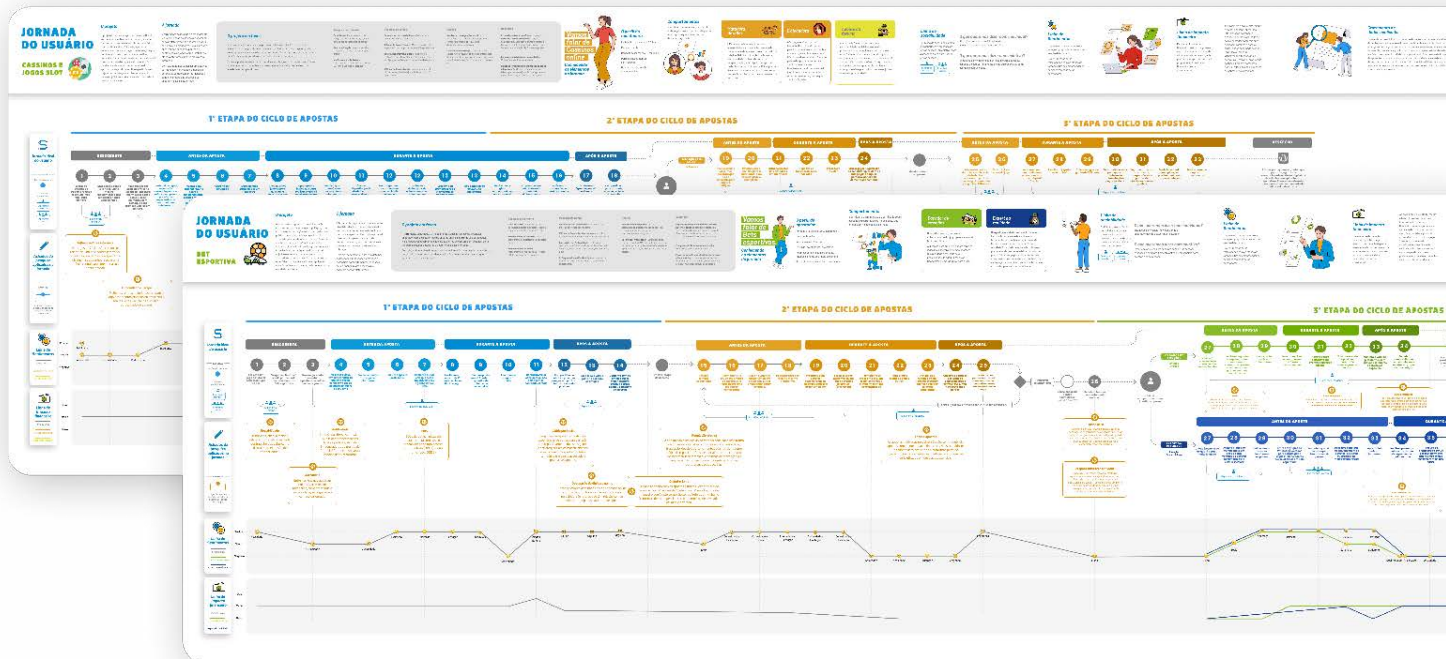
A linha de sentimentos é realizada a partir da identificação das falas dos apostadores, sendo sentimentos e emoções preponderantes em cada evento determinado, relacionados com as etapas da jornada a fim de compreender as decisões tomadas pelos apostadores. Sendo observado em maioria os sentimentos de euforia e ansiedade.



Linha de impacto financeiro

O mapeamento de impacto financeiro é dividido em três níveis: alto, médio e baixo. Esse impacto depende não apenas de perdas ou ganhos pontuais nas apostas, mas como ele está proporcional à realidade financeira dos perfis considerados. Ao dividir em três níveis é possível obter uma interpretação do impacto financeiro durante a jornada de cada apostador conforme suas decisões. Também é possível cruzar dados com modo de jogo (diversão ou dinheiro) visualizando situações mais estáveis ou instáveis, envolvendo ganhos e perdas e como isso pode interferir ou não no impacto de sobrevivência cotidiana.

Jornada dos apostadores completa



O que está sendo feito para além dos resultados do campo

Com base nessa escuta coletiva, iniciamos a construção da jornada dos jogadores, em parceria com o time da ANBIMA. Esse processo colaborativo está em andamento e servirá também como base para o desenvolvimento de ações, recomendações e oportunidades futuras de atuação institucional sobre o tema.

Expediente

Aposta online no Brasil: perfis de uso, jornadas e padrões de comportamento

[Versão completa](#)

Julho de 2026

Presidente

Roberto Paris

Gerência de Educação

Fernanda Mateus

Gerência de Sustentabilidade e Inovação

Luiz Pires

Organização técnica da pesquisa

Antonio Matheus Sá, Giovanna Bambicini, Patrícia Bernardo Almeida, Patrícia Araújo, Patrícia Nakamura

Parceria técnica

Kyvo



ANBIMA

www.anbima.com.br

Siga a gente nas redes sociais!



Diretores

Adriano Koelle, Alessandro Chagas Farias, Andrés Kikuchi, Aquiles Mosca, Carlos Takahashi, César Mindof, Daniel Bassam, Eduardo Azevedo, Eric Altafim, Fernanda Camargo, Fernando Rabello, Flavia Palacios, Giuliano De Marchi, Gustavo Pacheco, Julya Wellisch, Luiz Sorge, Pedro Rudge, Roberto Paolino, Rodrigo Azevedo, Rubens Henriques, Sergio Bini e Zeca Doherty

Comitê Executivo

Amanda Brum, Eliana Marino, Francisco Vidinha, Guilherme Benaderet, Lina Yajima, Marcelo Billi, Soraya Alves, Tatiana Itikawa, Thiago Baptista e Zeca Doherty

Superintendência de Sustentabilidade, Inovação e Educação

Marcelo Billi

Rio de Janeiro

Praia de Botafogo, 501 – 704, Bloco II, Botafogo,
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 22250-911
Tel.: (21) 2104-9300

São Paulo

Av. Doutora Ruth Cardoso, 8501, 21º andar, Pinheiros
São Paulo, SP – CEP: 05425-070
Tel.: (11) 3471 4200



RELATÓRIO QUALITATIVO DA ANBIMA | DEZEMBRO DE 2025